



**Universidade da Amazônia**

# **Sonetos**

**de Luis de Camões**



**NEAD – NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**

Av. Alcindo Cacela, 287 – Umarizal

CEP: 66060-902

Belém – Pará

Fones: (91) 210-3196 / 210-3181

[www.nead.unama.br](http://www.nead.unama.br)

E-mail: [uvb@unama.br](mailto:uvb@unama.br)

## Sonetos

de Luís de Camões

### REDONDILHAS

Amor cuja providência (1595 - redondilha 038)  
Amor que em meu pensamento (1595 - redondilha 032)  
Ana quisestes que fosse (1668 - redondilha 033)  
Aquele cativa (1595 – redondilha 106)  
Aquele rosto que traz (1595 - redondilha 062)  
A verdura amena (1598 redondilha 014)  
Baixos e honestos andais (1595 - redondilha 081)  
Campo, que te estendes (1598 - redondilha 011)  
Campos cheios de prazer (1595 - redondilha 051)  
Caterina é mais formosa (1595 - redondilha 060)  
Cinco galinhas e meia (1616 - redondilha 101)  
Conde, cujo ilustre peito (1595 - redondilha 112)  
Corre sem vela e sem leme (1595 - redondilha 117)  
Costumadas artes são (1595 - redondilha 071)  
Cousa que este corpo não tem (1595 - Redondilha 063)  
Cum real de amor (1598 - redondilha 093)  
Da lindeza vossa (1595 - redondilha 026)  
Dama d'estranho primor (1595 - redondilha 015)  
D'Amor e seus danos (1595 - redondilha 105)  
De maneira me sucede (1668 - redondilha 056)  
Depois de sempre sofrer (1595 - redondilha 031)  
Después que Amor me formo (1595 - redondilha 083)  
Desque una vez miré (1616 - redondilha 035)  
De ver-vos a não vos ver (1595 - redondilha 077)  
Dióme Amor tormentos dos (1595 - redondilha 073)  
Dotou em vos natureza (1595 - redondilha 007)  
Dous tormentos vejo (1616 - redondilhas 004)  
É muito pera notar (1595 - redondilha 041)  
Eles verdes são (1595 – redondilha 012)  
Entre estes penedos (1598 - redondilha 010)  
E se a pena não me atíça (1598 - redondilha 085)  
Esses alfinetes vão (1595 - redondilha 022)  
Este mundo es el camino (1595 - redondilha 115)  
Este tempo vão (1595 – redondilha 002)  
Eu, pera levar a palma (1668 - redondilha 091)  
Eu sou boa testemunha (1595 - redondilha 013)  
Falsos loores os dán (1595 - redondilha 048)  
Foi a Esperança julgada (1595 - redondilha 065)  
Ja'gora certo conheço (1598 - redondilha 088)  
Juravas-me que outras cabras (1598 - redondilha 057)  
Leva na cabeça o pote (1668 - redondilha 053)  
Madre. si me fuere (1595 - redondilha - 089)  
Menina mais que na idade (1595 - redondilha 040)  
Mi corazón me han robado (1595 - redondilha 068)

Mi nueva y dulce querella (1595 - redondilha 069)  
N'alma uma só ferida (1598 - redondilha 086)  
Não posso chegar ao cabo (1616 - redondilha 100)  
Não sabendo Amor curar (1595 - redondilha 043)  
Não sei quem assola (1598 - redondilha 019)  
Não vos guardei, quando vinha (1668 - redondilha 055)  
Ninguém vos pode tirar (1616 - redondilha 008)  
Nos seus olhos belos (1616 - redondilha 005)  
Nua casada fui pôr (1595 - redondilha 064)  
Nunca em prazeres passados (1668 - redondilha 084)  
Nunca o prazer se conhece (1595 - redondilha 029)  
O coração invejoso (1595 - redondilha 066)  
Olhai que dura sentença (1595 - redondilha 042)  
Os bons vi sempre passar (1598 - redondilha 116)  
Os gostos, que tantas dores (1598 - redondilha 082)  
Os privilégios que os reis (1595 - redondilha 052)  
Para evitar dias maus (1860 - redondilha 049)  
Peço-vos que me digais (1595 - redondilha 020)  
Pelo meu apartamento (1616 - redondilha 024)  
Para quem vos soube olhar (1595 - redondilha 072)  
Perdigão, que o pensamento (1598 - redondilha 092)  
Pois a tantas perdições (1598 - redondilha 027)  
Pois onde te hão-de falar? (1616 - redondilha 103)  
Pois o ver-vos tenho em mais (1595 - redondilha 045)  
Por cousa tão pouca (1595 - redondilha 017)  
Posible es a mi cuidado (1595 - redondilha 059)  
Posto o pensamento nele (1616 - redondilha 054)  
Pues me distes tal herida (1668 - redondilha 030)  
Quando me quer enganar (1595 - redondilha 023)  
Quando vos eu via (1595 - redondilha 003)  
Que diabo há tão danado (1616 - redondilha 109)  
Quem no mundo quiser ser (1595 - redondilha 108)  
Quem põe suas confianças (1616 - redondilha 036)  
Quem quer que viu, ou que leu (1595 - redondilha 099)  
Quem tão mal vos empregou (1595 - redondilha 079)  
Quem viveu sempre num ser (1595 - redondilha 080)  
Querendo Amor esconder-vos (1668 - redondilha 039)  
Querendo escrever um dia (1595 - redondilha 006)  
Querendes profano Amor (1595 - redondilha 107)  
Reinando Amor em dous peitos (1595 redondilha 090)  
Se de dó vestida andais (1595 - redondilha 061)  
Se derivais de verdade (1595 - redondilha 018)  
Se de saudade (1595 – redondilha 021)  
Se desejos fui já ter (1595 - redondilha 076)  
Se me for e vos deixar (1598 - redondilha 087)  
Se na alma e no pensamento (1598 - redondilha 097)  
Se não quereis padecer (1595 - redondilha 113)  
Se só no ser puramente (1595 - redondilha 034)  
Se trocar desejo (1595 - redondilha 025)  
Se vos quereis embarcar (1668 - redondilha 050)

Sem olhos vi o mal claro (1598 - redondilha 098)  
Sendo os restos envidados (1595 - redondilha 114)  
Senhora, se eu alcançasse (1595 - redondilha 001)  
Sepa quién padece (1616 - redondilha 095)  
Sôbolos rios que vôo (1595 - redondilha 118)  
Só porque é rapaz ruim (1598 - redondilha 094)  
Suspeitas que me quereis (1595 - redondilha 016)  
Tanto maiores tormentos (1595 - redondilha 028)  
Tem tal jurisdição Amor (1595 - redondilha 046)  
Tenho-me persuadido (1595 - redondilha 070)  
Tiempo perdido es aquel (1595 - redondilha 047)  
Todo o trabalhado bem (1595 - redondilha 044)  
Trataram-me com cautela (1595 - redondilha 075)  
Tudo tendes singular (1616 - redondilha 009)  
Uma Dama, de malvada (1595 - redondilha 067)  
Uma diz que me quer bem (1595 - redondilha 078)  
Ved que enganos señoorea (1595 - redondilha 058)  
Vêm-se rosas e boninas (1616 - redondilha 104)  
Vendo amor que, com vos ver (redondilha 037)  
Vi-o moço o pequenino (1595 - redondilha 074)  
Viver eu, sendo mortal (1595 - redondilha 111)  
Vossa Senhoria creia (redondilha 110)  
[Vós] sois uma Dama (1668 - redondilha 096)  
—Vuelve acá, no estês pasmado (1616 - redondilha 102)

38.  
Glosa

*a este moto alheio:*  
*Sem vós e com meu cuidado*  
*olhai com quem, e sem quem.*

Amor, cuja providência  
foi sempre que não errasse,  
porque n'alma vos levasse,  
respeitando o mal de ausência  
quis que em vós me transformasse.  
E vendo-me ir maltratado,  
eu e meu cuidado sós,  
proveio nisso, de atentado,  
por não me ausentar de vós,  
sem vós e com meu cuidado.

Mas est'alma que eu trazia  
porque vós nela morais,  
deixa-me cego, e sem guia;  
que há por melhor companhia  
ficar onde vós ficais.  
Assim me vou de meu bem

onde quer a forte estrela,  
sem alma, que em si vos tem,  
co mal de viver sem ela:  
olhai com quem, e sem que

32.  
Glosa

a este moto seu (acróstico):  
A morte, pois que sou vosso,  
não na quero, mas se vem,  
[h]a-de ser todo meu bem.

Amor, que em meu pensamento  
com tanta fé se fundou,  
me tem dado um regimento  
que, quando vir meu tormento,  
me salve com cujo sou.  
E com esta defesa,  
com que tudo vencer posso,  
diz a causa ao coração:  
não tem em mim jurisdição  
A morte, pois que sou vosso.

Por experimentar um dia  
Amor se me achava forte  
nesta fé, como dizia,  
me convidou com a morte,  
só por ver se a tomaria.  
E, como ele seja a cousa  
onde está todo o meu bem,  
respon-di-lhe (como quem  
quer dizer mais, e não ousa):  
não na quero, mas se vem...

Não disse mais, porque então  
entendeu quanto me toca;  
e se tinha dito o não,  
muitas vezes diz a boca  
o que nega o coração.  
Toda a cousa defendida  
em mais estima se tem:  
por isso é cousa sabida  
que perder por vós a vida  
[h]a-de ser todo meu bem.

33.  
A B C em motos

AAAA

Ana quisestes que fosse  
o vosso nome da pia,  
para mor minha agonia.  
Apeles, se fora vivo  
e a ver-vos alcançara,  
por vós retratos tirara.  
Aquiles morreu no templo,  
contemplando de gíolhos;  
eu, quando vejo esses olhos.  
Artemisa sepultou  
a seu irmão e marido;  
vós a mim, e a meu sentido.

B

Bem vejo que sois, Senhora,  
extremo de formosura,  
para minha sepultura.

CC

Cleópatra se matou  
vendo morto a seu amante;  
e eu por vós, em ser constante.  
Cassandra disse de Tróia  
que havia ser destruída;  
e eu por vós, d'alma e da vida.

DD

Dido morreu por Enéas,  
e vós matais quem vos ama;  
julgai se sois cruel dama!  
Dianira, inocente,  
da má morte causadora;  
vós, da minha, sabedora.

E

Eurídice foi a causa  
de Orfeu ir ao Inferno;  
vos, de ser meu mal eterno.

FF

Fedra, só de puro amor,  
morreu por seu enteado;  
eu, morro de desamado.  
Febo vai escurecendo  
ante vossa claridade;  
e eu, sem ter liberdade.

GG

Galanteia sois, Senhora,  
Da formosura extremo;  
e eu, perdido Polifemo.  
Genebra, que foi rainha,  
se perdeu por Lançarote;  
e vós, por me dar a morte.

HH

Hércules, uma camisa  
de chamas o consumiu;  
minha alma, dêis que vos viu.  
Hébis e Dido morreram  
com o rigor da mudança;  
eu, vendo vossa esquivança.

JJJJ

Judit, que o duro Holofernes  
degolou, se viva fora,  
mate lhe déreis, Senhora.  
Júlio César conquistou  
o mundo com fortaleza;  
vós a mim com gentileza.  
Júlio César se livrou  
dos inimigos com abrolhos;  
eu, não posso desses olhos.  
Jazia-se o Minotauro  
preso no seu labirinto;  
mas eu mais preso me sinto.

LL

Leandro se afogou  
e foi sua causa Hero;  
e a mim o que vos quero.  
Leandro se afogou  
no mar de sua bonança;  
eu, no de vossa esperança.

MM

Minerva dizem que foi,  
e Palas, deusas da guerra:  
e vós, Senhora, da terra.  
Medeia foi mui cruel,  
mas não chegou a metade  
de vossa grã crueldade.

NN

Narciso o siso perdeu  
em vendo a sua figura;  
eu, por vossa formosura;  
Ninfas enganam mil Faunos  
com seu ar e formosura;  
e, a mim, vossa figura.

OO

Os olhos choram o dano  
que em vos verem sentiram,  
mas eu pago o que eles viram.  
Orfeu com a doce harpa  
venceu o reino de Plutão;  
vós a mim, com perfeição.

PP

Páris a Helena roubou,  
por quem Tróia foi perdida;  
e vós a mim, alma e vida.  
Pirro matou Policena,  
perfeita em todos sinais;  
e vós a mim me matais.

QQ

Quanto mais desejo ver-vos,  
menos vos vejo, Senhora:  
não vos ver melhor me fora.  
Querendo ver a Diana,  
Actéon perdeu a vida,  
que eu por vós trago perdida.

RR

Remédio nenhum não vejo  
que remedeie meu mal;  
nem crueza à vossa igual.



Roma o mundo sujeita  
com armas, saber, temor  
vós a mim só por amor.

S

Sirena, na mor fortuna  
com enganos vai cantando;  
e vós, sempre a mim matando.

TT

Tisbe morreu por Píramo,  
a ambos matou o Amor;  
a mim, vosso desfavor.  
Tisbe pelo seu amante  
morreu com amor sobejo;  
mas eu mais morto me vejo.

WW

Vênus, que por mais formosa  
lhe deu Páris a maçã,  
não foi quanto vós louçã.  
Vênus levou a maçã  
por vós não serdes, Senhora,  
nascida naquela hora.

XX

Xô vos acabe em graça,  
e vos faça piedosa  
tanto, quanto sois formosa.  
Xanthea tornou atrás  
por Apônio a invocar;  
e vós não, a meu chamar.

106.

Trovas

a uma cativa com quem andava  
de amores na Índia, chamada  
Bárbara

Aquela cativa,  
que me tem cativo,  
porque nela vivo  
já não quer que viva.  
Eu nunca vi rosa

em suaves molhos,  
que para meus olhos  
fosse mais formosa.

Nem no campo flores,  
nem no céu estrelas,  
me parecem belas  
como os meus amores.

Rosto singular,  
olhos sossegados,  
pretos e cansados,  
mas não de matar.

uma graça viva,  
que neles lhe mora,  
para ser senhora  
de quem é cativa.  
Pretos os cabelos,  
onde o povo vão  
perde opinião  
que os louros são belos.

Pretidão de Amor,  
tão doce a figura,  
que a neve lhe jura  
que trocara a cor.  
Leda mansidão  
que o siso acompanha;  
bem parece estranha,  
mas Bárbara não.

Presença serena  
que a tormenta amansa;  
nela enfim descansa  
toda a minha pena.  
Esta é a cativa  
que me tem cativo,  
e, pois nela vivo,  
é força que viva.

62.  
Cantiga

a Dona Guiomar de Blasfé,  
que se queimara no rosto  
com uma vela

MOTO:

Amor que todos ofende  
teve, Senhora, por gosto,

*que sentisse o vosso rosto  
o que nas almas acende.*

#### VOLTAS

Aquele rosto que traz  
o mundo todo abrasado,  
se foi da flama tocado,  
foi porque sinta o que faz.  
Bem sei que Amor se lhe rende;  
porém o seu pres[s]uposto  
foi sentir o vosso rosto  
o que nas almas acende.

#### 14.

#### Cantiga

*a este meto seu:  
Se Helena apartar do  
campo seus olhos,  
nascerão abrolhos.*

#### VOLTAS

A verdura amena,  
gados, que pasceis,  
sabei que a deveis  
aos olhos de Helena.  
Os ventos serena,  
faz flores de abrolhos  
o ar de seus olhos.

Faz serras floridas,  
faz claras as fontes:  
se isto faz nos montes,  
que fará nas vidas?  
Trá-las suspendidas  
como ervas em molhos,  
na luz de seus olhos.

Os corações prende  
com graça inumana  
de cada pestana  
ü alma lhe pende.  
Amor se lhe rende,  
e, posto em gíolhos,  
pasma nos seus olhos

81.  
Cantiga

a uma Dama que lhe virou o rosto

MOTO

Olhos, não vos mereci  
que tenhais tal condição:  
tão liberais para o chão,  
tão irosos para mi.

VOLTAS

Baixos e honestos andais,  
por vos negardes a quem  
não quer mais que aquele bem  
que vós no chão espalhais.  
Se pouco vos mereci,  
não me estimais mais que o chão,  
a quem vós o galardão  
dais, e mo negueis a mi.

\*011

Campo, que te estendes

Esta redondilha não foi disponibilizado pela  
FCCN - Fundação para a Computação Científica Nacional ,  
<<http://www.fccn.pt>>  
que realizou a edição digital desta obra.

Agradecemos sua compreensão.

51.  
Glosa

a este mato alheio:  
Campos bem-aventurados,  
tornai-vos agora tristes,  
que os dias em que me vistes  
alegre são já passados.

Campos cheios de prazer,  
vós, que estais reverdecendo,  
já me alegrei com vos ver;  
agora venho a temer  
que entristeçais em me vendo.  
E, pois a vista alegrais  
dos olhos desesperados,

não quero que me vejais,  
para que sempre sejais  
campos bem-aventurados.

Porém, se por acidente,  
vos pesar de meu tormento,  
sabereis que Amor consente  
que tudo me descontente,  
senão descontentamento.

Por isso vós, arvoredos,  
que já nos meus olhos vistes  
mais alegrias que medos,  
se nos quereis fazer ledos,  
tornai-vos agora tristes.

Já me vistes ledos ser,  
mas depois que o falso Amor  
tão triste me fez viver, .  
ledos folgo de vos ver,  
porque me dobreis a dor.

E se este gosto sobejo  
de minha dor me sentistes,  
julgai quanto mais desejo  
as horas que vos não vejo  
que os dias em que me vistes.

O tempo, que é desigual,  
de secos, verdes vos tem;  
porque em vosso natural  
se muda o mal para o bem,  
mas o meu para mor mal.  
Se perguntais, verdes prados,  
pelos tempos diferentes  
que de Amor me foram dados,  
tristes, aqui são presentes,  
alegres, já são passados.

60.

Cantiga

a este moto alheio:  
Catarina bem promete;  
Era má l como ela mente l

VOLTAS

Caterina é mais formosa  
para mim que a luz do dia;  
mas mais formosa seria

se não fosse mentirosa.  
Hoje a vejo piedosa,  
amanhã tão diferente  
que sempre cuido que mente.

Caterina me mentiu  
muitas vezes, sem ter lei,  
mas todas lhe perdoei  
por uma só que cumpriu.  
Se, como me consentiu  
falar, o mais me consente,  
nunca mais direi que mente.

Má, mentirosa, malvada,  
dizei: para que mentis?  
Prometeis, e não cumpris?  
Pois sem cumprir, tudo é nada.  
Não sois bem aconselhada;  
que quem promete, se mente,  
o que perde não no sente.

Jurou-me aquela cadela  
de vir, pela alma que tinha;  
enganou-me; tem a minha;  
dá-lhe pouco de perdê-la.  
A vida gasto após ela,  
porque ma dá se promete,  
mas tira-ma quando mente.

Tudo vos consentiria  
quanto quisésseis fazer,  
se esse vosso prometer  
fosse prometer um dia  
todo então me desfaria  
convosco; e vós, de contente,  
zombaríeis de quem mente.

Prometeu-me ontem de vir,  
nunca mais me apareceu;  
creio que não prometeu  
senão só por me mentir.  
Faz-me enfim chorar e rir;  
rio quando me promete,  
mas choro quando me mente.

Mas pois folgais de mentir,  
prometendo de me ver,  
eu vos deixo o prometer,  
deixai-me vós o cumprir:  
haveis então de sentir

quanto fica mais contente  
o que cumpre que o que mente.

101.

Volta

a D. Antônio, senhor de Cascais,  
que prometera a Luís de Camões seis  
galinhas recheadas por uma cópia  
que lhe fizera, e lhe mandava, por  
princípio de paga, meia galinha

Cinco galinhas e meia  
deve o Senhor de Cascais;  
e a meia vinha cheia  
de apetites para as mais.

112.

Trovas

mandadas ao Viso-Rei,  
com o mato anterior:

Conde, cujo ilustre peito  
merece nome de Rei,  
do qual muito certo sei  
que lhe fica sendo estreito  
o cargo de Viso-Rei;  
servirdes-vos de ocupar-me,  
tanto contra meu planeta,  
não foi senão asas dar-me,  
com as quais vou a queimar-me,  
como faz a borboleta.

E se eu a pena tomar  
que tão mal cortada tenho,  
será para celebrar  
vosso valor singular,  
digno de mais alto engenho.  
Que, se o meu vos celebrasse,  
necessário me seria  
que os olhos da águia tomasse,  
só para que não cegasse  
no sol de vossa valia.

Vossos feitos sublimados,  
nas armas dignos de glória,  
são no mundo tão soados

que em vós de vossos passados  
se ressuscita a memória.  
Pois aquele animo estranho,  
pronto para todo efeito,  
espanta todo o conceito,  
como coração tamanho  
vos pode caber no peito.

A clemência que as serena  
coração tão singular,  
se eu nisso pusesse a pena,  
seria encerrar o mar  
em cova muito pequena  
Bem basta, Senhor, que agora  
vos sirvais de me ocupar,  
que assim fareis apagar  
a pena com que alguma hora  
vos vereis ao Céu voar.

Assim vos irei louvando,  
vós a mim do chão erguendo,  
ambos o mundo espantando:  
vós, co a espada cortando,  
eu, co a pena escrevendo.

117.

Labirinto

*do Autor a queixar-se do mundo*

Corre sem vela e sem leme  
o tempo desordenado,  
dum grande vento levado;  
o que perigo não teme  
é de pouco experimentado.  
As rédeas trazem na mão  
os que rédeas não tiveram:  
vendo quando mal fizeram  
a cobiça e ambição  
disfarçados se acolheram.

A nau que se vai perder  
destruiu mil esperanças;  
vejo o mau que vem a ter;  
vejo perigos correr  
quem não cuida que há mudanças.  
Os que nunca sem sela andaram  
na sela postos se vêm:  
de fazer mal não deixaram;



de demônio hábito têm  
os que o justo profanaram.

Que poderá vir a ser  
o mal nunca refreado?  
Anda, por certo, enganado  
aquele que quer valer,  
levando o caminho errado.  
É para os bons confusão  
ver que os maus prevaleceram;  
posto que se detiveram  
com esta simulação,  
sempre castigos tiveram.

Não porque governe o leme  
em mar envolto e turbado,  
quem tem seu rumo mudado,  
se perece, grita e geme  
em tempo desordenado.  
Terem justo galardão  
e dor dos que mereceram,  
sempre castigos tiveram  
sem nenhuma redenção,  
posto que se detiveram.

Na tormenta, se vier,  
desespere na bonança  
quem manhas não sabe ter.  
Sem que lhe valha gemer  
verá falsar a balança.  
Os que nunca trabalharam,  
tendo o que lhes não convém,  
se ao inocente enganaram  
perderão o eterno bem  
se do mal não se apartaram.

71.  
Cantiga

*a esta cantiga velha:  
Falso cavaleiro ingrato,  
enganais-me:  
vós dizeis que eu vos mato,  
e vós matais-me.*

VOLTAS

Costumadas artes são  
para enganar inocências,

piadosas aparências  
sobre isento coração.  
Eu vos amo, e vós, ingrato,  
magoais-me,  
dizendo que eu vos mato,  
e vós matais-me.

Vede agora qual de nós  
anda mais perto do fim,  
que a justiça faz-se em mim  
e o pregão diz que sois vós.  
Quando mais verdade trato,  
levantais-me  
que vos desamo e vos mato,  
e vós matais-me.

63.  
Cantiga

a este mato seu:  
Da alma, e de quanto tiver,  
quero que me despojeis,  
contanto que me deixeis  
os olhos para vos ver.

VOLTAS

Cousa que este corpo não tem  
que já não tenhais rendida;  
depois de tirar-lhe a vida,  
tirai-lhe a morte também.  
Se mais tenho que perder  
mais quero que me leveis,  
contento que me deixeis  
os olhos para vos ver.

93.  
Cantiga

a esta cantiga alheia:  
Tende-me mão nele  
qu'um real me deve l

VOLTAS

Cum real de amor,  
dous de confiança  
e três de esperança

me foge o tremor.  
Falso desamor  
se encerra naquele  
qu'um real me deve.

Pediu-mo emprestado,  
não lhe quis penhor;  
é mau pagador,  
tendo-mo aferrado.  
Cum cordel atado,  
ao Tronco se leve,  
qu'um real me deve.

Por esta travessa  
se vai acolhendo;  
ei-lo vai correndo,  
fugindo a grã pressa.  
Nesta mão e nessa  
o falso s'atreve,  
qu'um real me deve.

Comprou-me amor  
sem lhe fazer preço:  
eu não lhe mereço  
dar-me desfavor.  
Dá-me tanta dor  
que ando após ele  
pelo que me deve.

Eu de cá bradando,  
ele vai fugindo;  
ele sempre rindo,  
eu sempre chorando.  
{EI} de quando em quando  
no amor s'atreve,  
como que não deve.

A falar verdade,  
ele já pagou;  
mas inda ficou  
devendo ametade.  
Minha liberdade  
é a que me deve:  
só nela se atreve.

26.

Cantiga

à tenção de Miraguarda

MOTO:

Ver, e mais guardar  
de ver outro dia,  
quem o acabaria ?

VOLTAS

Da lindeza vossa,  
Dama, quem a vê,  
impossível é  
que guardar-se possa.  
Se faz tanta moessa  
ver-vos um só dia,  
quem se guardaria?

Melhor deve ser  
neste aventurar,  
ver, e não guardar,  
que guardar de ver.  
Ver, e defender,  
muito bom seria;  
mas... quem poderia?

15.

Trovas

a uma Dama

Dama d'estranho primor,  
se vos for  
pesada minha firmeza,  
olhai não me deis tristeza,  
porque a converto em amor.  
Se cuidais de  
me matar quando usais  
de esquivaça,  
irei tomar por vingança  
amar-vos cada vez mais.

Porém vosso pensamento,  
como isento,  
seguirá sua tenção  
crendo que em tanta afeição  
não haja acrescentamento.  
Não creiais  
que destarte vos façais  
invencível;  
que Amor sobre o impossível  
amostra que pode mais.

Mas já da tenção que sigo  
me desdigo;  
que, se há tanto poder nele  
também vós podeis mais qu'ele  
neste mal que usais comigo.

Mas se for  
o vosso poder maior  
entre nós,  
quem poderá mais que vós  
se vós podeis mais que Amor?

Depois que, Dama, vos vi,  
entendi  
que perdera Amor seu preço;  
pois o favor que lhe eu peço  
vos pede ele para si.

Nem duvido  
que não pode, de sentido,  
resistir;  
pois, em vez de vos ferir,  
ficou, de vos ver,  
ferido.

Mas, pois vossa vista e tal  
em meu mal,  
que posso de vós querer?  
Que mal poderei valer  
onde o mesmo Amor não vai?

Se atentar,  
nenhum bem posso esperar;  
e oxalá  
Que vos  
a lembrasse já,  
sequer para me matar.

Mas nem com isto creiais  
que façais  
meus serviços mais pequenos;  
porqu'eu, quando espero menos,  
sabei que então quero mais.

Nada espero,  
mas de mim crede este fero  
que, em ser vosso,  
vos quero tudo o que posso  
e não posso quanto quero.

Só por esta fantasia  
merecia  
de meus males algum fruto;  
que ainda não quero muito  
para o muito que queria.

De maneira  
que não é, na derradeira,  
grande espanto,  
que quem, Dama, vos quer tanto  
que outro tanto de vós queira.

105.  
Cantiga

*a este moto:*  
*Quem ora soubesse*  
*onde o Amor nasce,*  
*que o semeasse!*

VOLTAS

D'amor e seus danos  
me fiz lavrador;  
semeava amor  
e colhia enganos;  
não vi, em meus anos,  
homem que apanhasse  
o que semeasse.

Vi terra florida  
de lindos abrolhos,  
lindos para os olhos,  
duros para a vida;  
mas a rês perdida  
que tal erva pace  
em forte hora nasce.

Com quanto perdi,  
trabalhava em vão;  
se semeei grão,  
grande dor colhi.  
Amor nunca vi  
que muito durasse,  
que não magoasse.

56.  
Cantiga

*a este moto:*  
A alma que está oferecida a  
tudo, nada lhe é forte; assim  
passa o bem da vida como  
passa o mal da morte

## VOLTAS

De maneira me sucede  
o que temo, e o que desejo,  
que sempre o que temo, vejo,  
nunca o que a vontade pede.  
Tenho tão oferecida  
alma e vida a toda a sorte  
que isso me dera da morte  
como já me dá da vida.

### 31. Glosa

*a este moto de Francisco  
de Moraes:  
Triste vida se me ordena,  
pois quer vossa condição  
que os males, que dais por pena,  
me fiquem por galardão,*

Depois de sempre sofrer,  
Senhora, vossas cruezas,  
apesar de meu querer,  
me quereis satisfazer  
meus serviços com tristezas.  
Mas pois embalde resiste  
quem vossa vista condena,  
prestes estou para a pena,  
que, de galardão, tão triste,  
triste vida se me ordena.

De contente do mal meu  
a tão grande extremo vim,  
que consinto em minha fim:  
assim que, vos e mais eu,  
ambos somos contra mim.  
Mas que sofra meu tormento  
sem querer mais galardão,  
não é fora de razão  
que queria meu sofrimento,  
pois quer vossa condição.

O mal, que vós dais por bem,  
esse, Senhora, é mortal;  
que o mal que dais como mal,  
em muito menos se tem,  
por costume natural.  
Mas porém nesta vitória,

que comigo é bem pequena,  
a maior dor me condena  
a pena, que dais por glória,  
que os males, que dais por pena.

Que mor bem me possa vir,  
que servir-vos, não o sei.  
Pois que mais quero eu pedir,  
se quanto mais vos  
servir, tanto mais vos deverei?  
Se vossos merecimentos  
de tão alta estima são,  
assaz de favor me dão  
em querer que meus tormentos  
me fiquem por galardão.

83.  
Glosa

a esta Trova de Boscão:  
Justa fué mi perdición,  
de mis males soy contento;  
ya no espero galardón,  
pues vuestro merecimiento  
satisfizo a mi pasiôn.

Después que Amor me formó  
todo de amor, cual me veo,  
en las leyes que me dió,  
el mirar me consintió,  
y defendióme el deseo.  
Mas el alma, como injusta,  
en viendo tal perfección,  
dió a al deseo ocasión:  
y pues quebré ley tan justa,  
justa fué mi perdición.

Mostrándoseme el Amor  
más benigno que cruel,  
sobre tirano, traidor,  
de celos de mi dolor,  
quiso tomar parte en él.  
Yo, que tan dulce tormento  
no quieto dallo, aunque peco,  
resisto, y no lo consiento;  
mas si me lo toma á trueco,  
de mis males soy contento.

Señora, ved lo que ordena



este Amor tan falso nuestro!  
Por pagar á costa ajena  
manda que de un mirar vuestro  
haga el premio de mi pena.  
Mas vos, para que veáis  
tan engañosa tención,  
aunque muerto me sintáis,  
no miréis, que, si miráis,  
ya no espero galardón.

¿Pues que premio (me diréis)  
esperas que será bueno?  
Sabed, si no lo sabéis,  
que es lo más de lo que peno  
lo menos que merecéis.  
¿Quién hace al mal tan ufano,  
y tan libre al sentimiento?  
¿El deseo? No, que es vano.  
¿El Amor? No, que es tirano  
¿Pues? Vuestro merecimiento.

No pudiendo Amor robarme  
de mis tan caros despojos,  
aunque fué por más honrarme,  
vos sola para matarme  
le prestastes vuestros ojos.  
Matáronme ambos á dos;  
mas á vos con mas razón  
debe él la satisfacción;  
que á mi por él, y por vos,  
satisfizo mi pasión,

35.  
Glosa

a este moto:  
¿Qué veré que me contente?

Desde una vez miré,  
Señora, vuestra beldad,  
jamás por mi voluntad  
los ojos de vos quité.  
Pues sin vos placer no siente  
mi vida, ni lo desea,  
si no quereis que os vea,  
¿qué veré que me contente?

77.  
Cantiga

a este moto seu:  
Pois me faz dano olhar-vos  
não quero, por não perder-vos  
que ninguém me veja ver-vos.

VOLTAS

De ver-vos a não vos ver  
há dous extremos mortais;  
e são eles em si tais  
que um por um me faz morrer;  
mas antes quero escolher  
que possa viver sem ver-vos  
minh'alma, por não perder-vos.

Deste tamanho perigo  
que remédio posso ter,  
se vivo só com vos ver,  
se vos não vejo, perigo?  
Quero acabar comigo  
que ninguém me veja ver-vos,  
Senhora, por não perder-vos.

73.  
Cantiga

a este moto alheio:  
Amor loco amor loco,  
yo por vos, y vos por o otro.

VOLTAS

Dióme Amor tormentos dos  
para que pene dobrado:  
uno es verme desamado,  
otro es mancilla de vos.  
!Ved que ordena Amor en nos!  
Porque me vos hacéis loca?  
que seáis loca por otro.

Tratáis Amor de manera  
que porque así me tratáis  
quiere que, pues no me amáis,  
que améis otro que no os quiera.  
Mas con todo, so no os viera  
de todo loca por otro,

con mas razón fuera loco.

Y tan contrario viviendo,  
alfin, alfin, conformamos,  
pues ambos a dos buscamos  
lo que más nos va huyendo.  
Voy tras vos siempre siguiendo,  
y vos huyendo por otro:  
andáis loca, y me hacéis loco.

7.

Cantiga

a este moto alheio  
Vós, Senhora, tudo tendes,  
senão que tendes os olhos verdes.

VOLTAS

Dotou em vós Natureza  
o sumo da perfeição,  
que, o que em vós é senão,  
é em outras gentileza:  
o verde não se despreza,  
que, agora que vós o tendes,  
são belos os olhos verdes.

Ouro e azul é a melhor  
cor por que a gente se perde;  
mas, a graça desse verde  
tira a graça a toda a cor.  
Fica agora sendo a flor  
a cor que nos olhos tendes,  
porque são vossos... e verdes!

4.

Outra volta à mesma cantiga

Dous tormentos vejo  
grandes por extremo;  
se vos vejo, temo,  
e, se não, desejo.  
Quando me despejo  
e venho a escolher  
se temo o desejo,  
desejo o temer.

41.  
Cantiga

a este moto:  
Da doença em que ardeis eu  
fora vossa mezinha,  
só com vós serdes minha

VOLTAS

É muito para notar  
cura tão bem acertada,  
que podereis ser curada  
somente com me curar.  
e quereis, Dama, trocar,  
ambos temos a mezinha:  
eu a vossa, e vos a minha.

Olhai que não quer Amor  
(porque fiquemos iguais  
pois meu ardor não curais,  
que se cure vosso ardor.  
Eu cá sinto a vossa dor;  
e se vós sentis a minha,  
dai e tomai a mezinha

12.  
Cantiga

*a este mato alheio:*  
*Menina dos olhos verdes,*  
*porque me não vedes?*

VOLTAS

Eles verdes são,  
e têm por usança  
na cor, esperança  
e nas obras, não.  
Vossa condição  
não é d'olhos verdes,  
porque me não vedes.

Isenções a molhos  
que eles dizem terdes,  
não são d'olhos verdes,  
nem de verdes olhos.  
Sirvo de gíolhos,  
e vós não me credes

porque me não vedes.

Haviam de ser,  
porque possa vê-los,  
que uns olhos tão belos  
não se hão-de esconder;  
mas fazeis-me crer  
que já não são verdes,  
porque me não vedes.

Verdes não o são  
no que alcanço deles;  
verdes são aqueles  
que esperança dão.  
Se na condição  
está serem verdes,  
porque me não vedes?

10.

Cantiga

a este moto alheio.  
Verdes são as hortas  
com rosas e flores;  
moças que as regam  
matam-me d'amores.

VOLTAS

Entre estes penedos  
que daqui parecem,  
verdes ervas crescem,  
altos arvoredos.  
Vai destes rochedos  
água com que as flores  
d'outras são regadas  
que matam d'amores.

Co a água que cai  
daquela espessura,  
outra se mistura  
que dos olhos sai:  
toda junta vai  
regar brancas flores,  
onde há outros olhos  
que matam d'amores.

Celestes jardins,  
as flores, estrelas,

horteloas delas  
são uns serafins.  
Rosas e jasmins  
de diversas cores;  
Anjos que as regam  
matam-me d'amores.

85.  
Cantiga

a uma Dama que perguntou  
ao Autor quem o matava  
MOTO:  
Pergunteis-me quem me mata?  
Não quero responder nada,  
por vos não fazer culpada.

VOLTAS

E se a pena não me atija  
a dizer pena tão forte,  
quero-me entregar à morte,  
antes que vós à justiça.  
Porém, se tendes cobiça  
de vos verdes tão culpada,  
direi que não sinto nada.

22.  
Trovas

que mandou com um papel  
d'alfinetes a uma Dama

Esses alfinetes vão  
a vos picarem, não mais,  
só porque julgueis então,  
o como me picarão  
os com que vós me picais.  
Mas os que dessas estrelas  
vêm, têm pontas tão agudas  
que, em que estoutros vão co elas,  
podem-vos dar picadelas,  
mas os vossos dão feridas.

Assim que, se bem notais,  
no como ambos debatem,  
nunca podem ser iguais,  
que, inda que esses lá maltratam,

estes cá maltratam mais.  
Porém, já que Amor consente  
em piques tão desiguais,  
onde vós sois mais valente,  
eu, Senhora, sou contente  
do que vos contentar mais.

Venham os alfinetes cá  
desses olhos, porque acertem  
donde acerto já não há;  
porém os meus que vão lá,  
só quero que vos apertem.  
E deixando o mais passado,  
fazei que este papel seja  
pregado, digo, empregado,  
porque do seu agasalhado  
eu mesmo lhe tenho inveja.

E se eles em vós se pregam,  
por força os hei-de invejar,  
não só porque bem se empregam,  
mas porque, Senhora, chegam  
onde eu não posso chegar.  
Lá vão e lá ficarão  
adonde continuamente  
a par de si vos terão; e  
enfim, lá vos picarão,  
eu cá picarei no dente.

115.  
Trovas

do Autor, na Índia, conhecidas  
pelo nome de «Disparates»

Este mundo es el camino  
adó ay ducientos vaus  
ou por onde bons e maus  
todos somos del menino.  
Mas os maus são de teor  
que, dês que mudam a cor,  
chamam logo a el-Rei compadre;  
e, enfim, dejalhos, mi madre,  
que sempre tem um sabor  
de «Quem torto naeo, tarde se  
[endireita».

Deixai a um que se abone,  
diz logo de muito sengo:

villas e castillos tengo,  
todos a mi mandar sone.  
Então eu, que estou de molho,  
com a lágrima no olho,  
pelo virar do invés,  
digo-lhe: tu insanos es,  
e por isso não to talho:  
pois «Honra e proveito não cabem |  
[num saco».

Vereis uns, que no seu seio  
cuidam que trazem Paris,  
e querem com dous ceitis  
fender anca pelo meio.  
Vereis mancebinho de arte  
com espada em talabarte;  
não há mais Italiano.

A este direis:—Meu mano,  
vós saís galante que farte:  
mas «Pan y vino anda el camino, que  
no mozo garrido».

Outros em cada teatro  
por ofício lhe ouvireis  
que se matarán con tres  
y lo mismo harán con cuatro.  
Prezam-se de dar respostas  
com palavras bem compostas;  
mas, se lhe meteis a mão,  
na paz mostram coração,  
na guerra mostram as costas:  
porque «Aqui torce a porca o rabo».

Outros vejo por aqui,  
a que se acha mal o fundo,  
que andam emendando o mundo  
e não se emendam a si.  
Estes respondem a quem  
deles não entende bem  
el dolor que está secreto;  
mas porém quem for discreto  
responder-lhe há muito bem:  
«Assim entrou o mundo, assim há-de sair».

Achareis rafeiro velho,  
que se quer vender por galgo:  
diz que o dinheiro é fidalgo,  
que o sangue todo é vermelho.  
Se ele mais alto o dissera,



este pelote pusera;  
que o seu eco lhe responda,  
que seu padre era de Ronda,  
y su madre de Antequera  
e «Quer cobrir o céu cūa joeira».

Fraldas largas, grave aspeto  
para senador romano.  
Õ que grandíssimo engano!  
Que Momo lhe abrisse o peito!  
Consciência que sobeja,  
siso, com que o mundo reja,  
mansidão outro que si;  
mas que lobo está em ti,  
metido em pele de ovelha!  
E sabem-no poucos.

Guardai-vos d'uns meus senhores,  
que ainda compam e vendem;  
uns que é certo que descendem  
da geração de pastores;  
mostram-se-vos bons amigos,  
mas, se vos vêm em perigos,  
escarram-vos nas paredes;  
que de fora dormirdes,  
irmão, que é tempo de figos;  
porque «De rabo de porco nunca  
bom virote».

[Que dizeis duns, qu'as entranhas  
lhe estão ardendo em cobiça?  
E, se têm mando, a justiça  
fazem de teias de aranhas,  
com suas hipocrisias  
que são de vós as espias?  
Para os pequenos, uns Neros;  
para os grandes, tudo ferros.  
Pois tu, parvo, não sabias  
que «Lá vão leis, onde querem  
cruzados»?

Mas tornando a uns enfadonhos  
cujas cousas são notórias;  
uns, que contam mil histórias  
mais desmanchadas que sonhos;  
uns, mais parvos que zamboas,  
que estudam palavras boas,  
[a que ignorância os atixa;]  
estes paguem por justiça,  
que têm morto mil pessoas,

por vida de quanto quero

Adonde ienen las mentes  
uns secretos trovadores,  
que fazem cartas d'amores,  
de que ficam mui contentes?  
Não querem sair à praça;  
trazem trova por negaça;  
e se lha gabais, que é boa,  
diz que é de certa pessoa.  
Ora que quereis que faça,  
senão ir-me por esse mundo?

Ó tu, como me atarracas,  
escudeiro de solia,  
com bocais de fidalguia,  
trazidos quase com vacas;  
importuno a importunar,  
morto por desenterrar  
parentes que cheiram já!  
Voto a tal, que me fará  
um destes nunca falar  
mais com viva alma.

Uns que falam muito, vi,  
de que quisera fugir;  
uns que, enfim, sem se sentir,  
andam falando entre si;  
porfiosos sem razão;  
e dê's que tomam a mão,  
falam sem necessidade;  
e se alguma hora é verdade,  
deve ser na confissão;  
porque «Quem não mente...» Já me  
[entendeis.

Õ vós, quem quer que me ledes,  
que haveis de ser avisado,  
que dizeis ao namorado  
que caça vento com redes?  
Jura por vida da Dama,  
fala consigo na cama,  
passa de noite, e escarra;  
por falsete na guitarra  
põe sempre: viva quem ama,  
porque calça a seu propósito.

Mas deixemos, se quiserdes,  
por um pouco as travessuras  
porque entre quatro maduras

leveis também cinco verdes.  
Deitemo-nos mais ao mar;  
e, se algum se arreçar,  
passe três ou quatro trovas.  
E vós tomais cores novas?  
Mas não é para espantar;  
que «Quem porcos há menos, em cada  
[mouta lhe roncam».

Ó vós, que sois secretários  
das consciências reais,  
que entre os homens estais  
por senhores ordinários;  
porque não pondeis um freio  
ao roubar que vai sem meio,  
debaixo de bom governo?  
Pois um pedaço d'inferno  
por pouco dinheiro alheio  
se vende a Mouro e a Judeu

Porque a mente, afeiçoada  
sempre à real dignidade,  
vos faz julgar por bondade  
a malícia desculpada.  
Move a presença real  
uma afeição natural,  
que logo inclina ao juiz  
a seu favor; e não diz  
um rifão muito geral  
que «O abade donde canta,  
[daí janta»?

E vós bailais a esse som?  
Por isso, gentis pastores,  
vos chama a vós mercadores  
um que só foi pastor bom.]

## 2.

### Cantiga

*A este cantar velho:  
Saudade minha,  
quando vos veria?*

### VOLTAS

Este tempo vão,  
esta vida escassa,  
para todos passa,

só para mim não.  
Os dias se vão  
sem ver este dia,  
quando vos veria?

Vede esta mudança  
se está bem perdida,  
em tão curta vida  
tão longa esperança!  
Se este bem se alcança,  
tudo sofreria,  
quando vos veria.

Saudosa dor,  
eu bem vos entendo;  
mas não me defendo,  
porque ofendo Amor.  
Se fôsseis maior,  
em maior valia  
vos estimaria.

Minha saudade,  
caro penhor meu,  
a quem direi eu  
tamanha verdade?  
Na minha vontade,  
de noite e de dia  
sempre vos teria.

91.  
Cantiga

a este moto:  
Com razão queixar-me posso  
de vós, que mel vos queixais;  
pois, Senhora, vos sangrais,  
que seja num corpo vosso.

VOLTAS

Eu, para levar a palma  
com que ser vosso mereça,  
quero que o corpo padeça  
por vós, que dele sois alma.  
Vós do corpo vos queixais,  
eu queixar-me de vós posso,  
porque, tendo um corpo vosso,  
na minh'alma vos sangrais.

E sem fazer diferença  
no que de mim possuíis,  
pelo pouco que sentis,  
dais à minh'alma doença.  
Pois que dous aventurais  
oh! não seja o dano nosso:  
sangre-se este corpo vosso,  
porque, minh'alma, vivais.

E inda, se atentardes bem,  
seguis medicina errada,  
porque para ser sangrada  
uma alma sangue não tem.  
E pois em mim sarar posso  
males, que à minha alma dais,  
se inda outra vez vos sangrais,  
seja neste corpo vosso.

13.

Cantiga

a este moto [seu?]  
Com vossos olhos Gonçalves,  
Senhora, cativo tendes  
este meu coração Mendes.

VOLTAS

Eu sou boa testemunha  
que Amor tem por cousa má  
que olhos, que são homens já,  
se nomeiem sem alcunha,  
pois o coração apunha  
e diz: olhos, pois vós tendes,  
chamai-me coração Mendes.

48.

Cantiga

a este moto alheio:  
De vuestros ojos centellas,  
que encienden pechos de hielo  
suben por el aire al cielo,  
y en llegando son estrellas.

VOLTAS

Falsos loores os dan,

que essas centellas tan raras  
no son nel cielo más claras  
que en los ojos donde están.  
Porque quando miro en ellas  
de como alumbran el suelo  
no sé que serán nel cielo;  
mas sé que acá son estrellas.

Ni se puede presumir  
que al cielo suban, Senora,  
que la lumbré que en vos mora  
no tiene más que subir;  
mas pienso que dán querellas  
a Dios nel octavo cielo,  
porque son acá en el suelo,  
dos tan hermosas estrellas.

65.

Cantiga

a este mato seu:  
Enforquei minha esperança;  
mas Amor foi tão madraço  
que lhe cortou o baraço.

VOLTAS

Foi a Esperança julgada  
por sentença da Ventura,  
que, pois me teve à pendura,  
que fosse dependurada.  
Vem Cupido co a espada,  
corta-lhe cerco o baraço.  
Cupido, foste madraço!

88.

Cantiga

a este moto alheio  
Vosso bem querer, Senhora:  
vosso mal melhor me fora.

VOLTAS

Já'gora certo conheço  
ser melhor todo tormento  
onde o arrependimento  
se compra por justo preço.

Enganou-me um bom começo;  
mas o fim me diz agora  
que o mal melhor me fora.

Quando um bem é tão danoso  
que, sendo bem, dá cuidado,  
o dano fica obrigado  
a ser menos perigoso.  
Mas se a mim, por desditoso,  
co bem me foi mal, Senhora,  
co vosso mal bem me fora.

57.  
Cantiga

a este moto:  
Esconjuro-te, Domingas,  
pois me dás tanto cuidado,  
que me digas se te vingas:  
viverei menos penado.

VOLTAS

Juravas-me que outras cabras  
folgavas de apascentar;  
eu, por não me magoar,  
fingia que eram palavras.  
Agora d'arte te vingas  
d'algun meu doudo pecado,  
qu'inda [que] queiras, Domingas,  
não posso ser enganado.

Qualquer cousa busca o seu;  
a fonte vai para o Tejo,  
e tu para o teu desejo  
por te vingares do meu.  
De mi te esqueces, Domingas,  
como eu faço do meu gado.  
Praza a Deus que, se te vingas,  
que mouro desesperado.

Na fantasia te pinto;  
falo-te, responde o monte;  
busco o rio, busco a fonte,  
endoideço, e não o sinto.  
Domingas! no vale brado;  
responde o eco:—Domingas!  
E tu ainda te não vingas  
de me ver doudo tornado?

53.  
Cantiga

a este moto:  
Descalça vai para a fonte  
Leonor pela verdura;  
vai formosa, e não segura.

VOLTAS

Leva na cabeça o pote,  
o testo nas mãos de prata,  
cinta de fina escarlata,  
saindo de chamalote;  
traz a vasquinha de cote,  
mais branca que a nove pura;  
vai formosa, e não segura.

Descobre a touca a garganta,  
cabelos d'ouro o trançado,  
—fita, de cor d'encarnado,  
tão linda que o mundo espanta—;  
chave nela graça tanta  
que dá graça à formosura;  
vai formosa, e não segura.

89.  
Cantiga

a este moto:  
Irme quieto, madre,  
á aquela galera,  
con el marinero  
á ser marinera.

VOLTAS

Madre, si me fuere,  
dó quiera que vó,  
no lo quiero yo,  
que el Amor lo quiere.  
Aquél niño fiero  
hace que me muera,  
por un marinero  
á ser marinera.

Él, que todo puede,  
madre, no podrá,  
pues el alma vá,



que el cuerpo se quede.  
Con él, por quién muero,  
voy, porque no muera;  
que, si es marinero,  
seré marinera.

Es tirana ley,  
del niño Señor,  
que por un amor  
se desenhe un Rey:  
pues desta manera  
quiere, yo me quiero  
por un marinero  
hacer marinera.

Decid, ondas, ¿cuándo  
vistes vos doncella,  
siendo tierna y bella,  
andar navegando?  
[Pues] más no se espera  
daquel niño fiero,  
vea yo quién quiero,  
sea marinera.

40.

Cantiga

a este moto:  
Menina formosa e crua,  
bem sei eu  
quem deixará de ser seu,  
se vós quiséreis ser sua.

VOLTAS

Menina mais que na idade,  
se, para me querer bem,  
vos não vejo ter vontade,  
é porque outrem vo-la tem;  
tem-vo-la, e faz-vo-la crua.

Porém eu  
já tomara não ser meu,  
se vós não fôreis tão sua.

Nos olhos e na feição  
vos vi, quando vos olhava,  
tanta graça que vos dava  
de graça este coração;  
não no quisestes de crua,

por ser meu:  
se outrem vos dera o seu  
pode ser fôreis mais sua.

Menina, tende maneira  
que ainda não venha a ser  
—pois não quereis quem vos quer, —  
que queirais quem vos não queira.  
Olhai, não me sejais crua;  
que pois eu  
quero ser vosso e não meu,  
sede vós minha e não sua.

68.  
Glosa

a este moto:  
Vos tenéis mi corazón.

Mi corazón me han robado,  
y Amor, viendo mis enojos,  
me dijo: fuéte llevado  
por los más hermosos hojos  
que desde vivo he mirado.

Gracias sobrenaturales,  
te lo tienen en prisión,  
y si Amor tiene razón,  
Señora, por la señales  
vos tenéis mi corazón.

69.  
Cantiga

a este moto alheio:  
De dentro tengo mi mal,  
que de fuera no hay señal.

VOLTAS

Mi nueva y dulce querella,  
es invisible á la gente;  
el alma sola la siente,  
que el cuerpo no es digno della.  
Como la viva centena  
se encubra en el pedernal  
de dentro tengo mi mal.

86.  
Cantiga

a este moto alheio:  
Se alma ver-se não pode  
onde pensamentos ferem,  
que farei para me crerem?

VOLTAS SUAS

N'alma uma só ferida  
faz na vida mil sinais;  
tanto se descobre mais  
quanto é mais escondida.  
Se esta dor tão conhecida  
me não vêm, porque não querem,  
que farei para me crerem?

Se pudesse bem ver  
quanto calo, e quanto sento,  
depois de tanto tormento  
cuidaria alegre ser.  
Mas se não me querem crer  
olhos que tão mal me ferem,  
que farei para me crerem?

100.  
Esparsa

ao mesmo assunto

Não posso chegar ao cabo  
de tamanho desarranjo,  
que sendo vós, Senhora, «Anjo»,  
vos queira tanto o «diabo».  
Dais manifesto sinal  
de minha muita firmeza,  
que os «diabos» querem mal  
aos «Anjos», por natureza.

43.  
Cantiga

a este moto:  
Deu, Senhora, por sentença  
Amor, que fôsseis doente,  
para fazerdes à gente  
doce e formosa a doença.

## VOLTAS

Não sabendo Amor curar,  
foi a doença fazer  
formosa, para se ver,  
doce para se passar.  
Então, vendo a diferença  
que há de vós a toda a gente,  
mandou que fôsseis doente  
para glória da doença.

E digo-vos, de verdade,  
que a saúde anda invejosa,  
por ver estar tão formosa  
em vós essa enfermidade.  
Não façais logo detença,  
Senhora, em estar doente,  
porque adoecerá a gente  
com desejos da doença.

Que eu, por ter, formosa Dama,  
a doença que em vós vejo,  
vos confesso que desejo  
de cair convosco em cama.  
Se consentis que me vença  
este mal, não houve gente  
de saúde tão contente  
como eu serei da doença.

19.

## Cantiga

a esta cantiga alheia:  
Menina formosa  
dizei: de que vem  
serdes rigorosa  
a quem vos quer bem?

## VOLTAS

Não sei quem assola  
vossa formosura;  
que quem é tão dura  
não pode ser bela.  
Vós sereis formosa,  
mas a razão tem  
que quem é irosa  
não parece bem.

A mostra é de bela,  
as o obras são cruas;  
pois qual destas duas  
ficará na sela?  
Se ficar irosa  
não vos está bem.  
fique antes formosa,  
que mais força tem.

O Amor, formoso  
se pinta e se chama:  
se é amor, ama,  
se ama, é piedoso.  
Diz agora a grossa  
que este texto tem,  
que quem é formosa  
há-de querer bem.

Havei dó, menina,  
dessa formosura;  
que se a terra é dura,  
seca-se a bonina.  
Sede piedosa;  
não veja ninguém  
que, por rigorosa,  
percais tanto bem.

55.  
Cantiga

a este moto:  
Ferro, fogo, frio e calma,  
todo o mundo acabarão;  
mas nunca vos tirarão,  
alma minha da minh'alma!

VOLTAS

Não vos guardei, quando vinha,  
em torre, força, ou engenho;  
que mais guardada vos tenho  
em vós, que sois alma minha.  
Ali, nem frio nem calma,  
não podem ter jurdição;  
na vida sim, porém não  
em vós, que tenho por alma.

8.  
Cantiga

a este cantar velho:  
Sois formosa e tudo tendes,  
senão que tendes os olhos verdes.

VOLTAS

Ninguém vos pode tirar  
[o] serdes bem assombrada;  
mas heis-me de perdoar,  
que os olhos não valem nada.  
Fostes mal aconselhada  
em querer que fossem verdes:  
trabalhai de os esconderdes.

A vossa testa é jardim,  
onde Amor se desenfada;  
é branca e bem talhada,  
que parece de marfim.  
Assim é; e, quanto a mim,  
isso nasce de a terdes  
tão perto dos olhos verdes.

Os cabelos desatados  
o mesmo Sol escurecem;  
senão que, por serem ondados,  
algum tanto desmerecem:  
mas, à fé, que se parecem  
a furto dos olhos verdes,  
não vos pese de os terdes.

As pestanas têm mostrado  
ser raios que abram vidas;  
se não foram tão compridas  
tudo o mais era pintado:  
elas me tinham levado  
já sem o vós saberdes,  
se não foram os olhos verdes.

O mimo desse carão  
nem pôr-lhe os olhos consente:  
e ser liso e transparente  
rouba todo o coração.  
Inda assim achareis gente  
que lhe não pese de o terdes;  
mas não seja cos olhos verdes.

Esse riso é composto

de quantas graças nasceram;  
senão que alguns me disseram  
vos faz covinhas no rosto.  
Na vontade tenho posto  
dar-vos a alma, se quiserdes,  
a troco dos olhos verdes.

Nunca se viu, nem se escreve  
boca nem graça igual,  
se não fora de coral  
e os dentes de cor de neve.  
Dou-me a Deus, que me leve!  
Sofrerei quanto tiverdes,  
não me tenhais os olhos verdes.

Essa garganta merece  
outras palavras, não minhas,  
senão que é feita em rosquinhas  
de alfenim, o que parece.  
Eu sei quem se oferece  
a tomar tudo o que tendes,  
e também os olhos verdes.

Essas mãos são ferropias,  
só o vê-las, enfeitiça;  
senão que são alvas e cheias,  
e têm a feição roliça,  
com que apelaís por justiça,  
pera com elas prenderdes  
quem vê vossos olhos verdes.

A vossa galantaria  
matará a quem falardes;  
tendes uns desdêns e tardes  
que eu logo vos roubaria.  
Dou-me a Santa Maria!  
Sou cujo de quanto tendes,  
também desses olhos verdes.

## 5.

### Cantiga

a esta cantiga alheia:  
Pastora da serra,  
da serra da Estrela,  
perco-me por ela.

### VOLTAS

Nos seus olhos belos  
tanto Amor se atreve,  
que abrasa entre a neve  
quantos ousam vê-los.  
Não solta os cabelos  
Aurora mais bela:  
perco-me por ela.

Não teve esta serra  
no meio da altura  
mais que a formosura  
que nela se encerra.  
Bem céu fica a terra  
que tem tal estrela:  
perco-me por ela.

Sendo entre pastores  
causa de mil males,  
não se ouvem nos vales  
senão seus louvores.  
Eu só por amores  
não sei falar nela:  
sei morrer por ela.

De alguns que, sentindo,  
seu mal vão mostrando,  
se ri, não cuidando  
que inda paga, rindo.  
Eu, triste, encobrimo  
só meus males dela,  
perco-me por ela.

Se flores deseja  
por ventura delas,  
das que colhe, belas,  
mil morrem de inveja.  
Não há quem não veja  
todo o melhor nela:  
perco-me por ela.

Se na água corrente  
seus olhos inclina,  
faz luz cristalina  
parar a corrente.  
Tal se vê, que sente,  
por ver-se, água nela:  
perco-me por ela.



64.  
Cantiga

a este moto alheio:  
Amores de uma casada  
que eu vi pelo meu mel.

VOLTAS

Nua casada fui pôr  
os olhos, de si senhores;  
cuidei que fossem amores,  
eles fizeram-se Amor.  
Faz-se o desejo maior  
donde o remédio não vai  
em perigo de meu mal.

Não me pareceu que Amor  
pudesse tanto comigo  
que donde entra por amigo  
se levante por senhor.  
Leva-me de dor em dor  
e de sinal em sinal,  
cada vez para mor mal.

84.  
Glosa

a este moto:

Foi-se gastando a esperança,  
fui entendendo os enganos;  
do mal ficaram meus danos  
e do bem só a lembrança.

Nunca em prazeres passados  
tive firmeza segura,  
antes tão arrebatados  
que inda não eram chegados  
quando nos levou ventura.  
E como quem desconfia  
ter em tal sorte mudança,  
no meio desta porfia,  
de quanto bem pretendia  
foi-se gastando a esperança.

Não tive por desatino  
a ocasião de perdê-la;  
mas foi culpa do destino,

que a ninguém, como mais digno,  
Amor pudera sustê-la.  
Dei-lhe tudo o que era seu,  
não receando tais danos  
deste, a quem alma lhe deu;  
quando já não era meu,  
foi entendendo os enganos.

Fiquei, deste mal sobejo  
a quem a causa compete,  
dizer-lhe tudo o que vejo,  
que Amor aceita o desejo,  
mas mente no que promete.  
Que, se a mim se me obrigou  
a dar-me bens soberanos,  
foi engano que ordenou,  
que do bem tudo levou,  
do mal ficaram meus danos.

E se de dor tão desigual  
sofro em mim com padecê-los,  
quero de novo sofrê-los;  
que, por a causa ser tal,  
não determino ofendê-los.

Dobre-se o mal, falte a vida,  
cresça a fé, falte a esperança,  
pois foi mal agradecida;  
fique a dor n'alma imprimida,  
e do bem só a lembrança.

29.  
Glosa

a este mato alheio:  
Trabalhos descansariam  
se para vós trabalhasse;  
tempos tristes passariam  
se alguma hora vos lembrasse.

GLOSA

Nunca o prazer se conhece  
senão depois da tormenta;  
tão pouco o bem permanece  
que, se o descanso floresce,  
logo o trabalho arrebenta.  
Sempre os bens se lograriam,  
mas os males tudo atalham;

porém, já que assim porfiam,  
onde descansos trabalham,  
trabalhos descansariam.

Qualquer trabalho me fora  
por vós grão contentamento;  
nada sentira, Senhora,  
se vira disto alguma hora  
em vós um conhecimento.  
Por mal que o mal me tratasse  
tudo por bem tomaria;  
posto que o corpo cansasse,  
a alma descansaria,  
se para vós trabalhasse.

Quem vossas cruezas já  
sofreu, a tudo se pôs;  
costumado ficará;  
e muito melhor será,  
se trabalhar para vós.  
Tristezas esqueceriam,  
posto que mal me trataram;  
anos não me lembrariam,  
que, como estoutros passaram,  
tempos tristes passariam.

Se fosse galardoadado  
este trabalho tão duro,  
não vivera magoado;  
mas não o foi o passado,  
como o será o futuro?  
De cansar não cansaria,  
se quiséreis que cansasse;  
cansar, morrer, fá-lo-ia,  
tudo, enfim, me esqueceria,  
se alguma hora vos lembrasse.

66.

Cantiga

a este moto seu:  
Pus o coração nos olhos  
e os olhos pus no chão,  
por vingar o coração.

VOLTAS

O coração invejoso  
como dos olhos andava,

sempre remoques me dava  
que não era o meu mimoso:  
venho eu, de piedoso  
do senhor meu coração,  
boto os meus olhos no chão.

42.  
Trovas

a uma dama doente

Olhai que dura sentença  
foi Amor dar contra mi:  
que, porque em vós me  
perdi, em vós me busca a doença.  
Claro está  
que em vós só me achará;  
que em mim, se me vem buscar,  
não poderá mais achar  
que a forma do que eu fui já.

Que se em vós Amor se pôs,  
Senhora, é forçado assim  
que o mal, que me busca a mi,  
que vos faça mal a vós.  
Sem mentir,  
Amor me quis destruir  
por modo nunca cuidado,  
pois vos há-de ser forçado  
pesar-vos de vos servir.

Mas sois tão desconhecida,  
e são meus males de sorte  
que vos ameaça a morte  
porque me negais a vida.  
Se por boa  
tal justiça se pregoa,  
quando desta sorte for,  
havei vós perdão de Amor,  
que a parte já vos perdoa.

Mas o que mais temo, enfim,  
é que nesta diferença  
que se não torne a doença  
se me não tornais a mim.  
De verdade,  
que já vossa humanidade  
de que se queixe não tem;  
pois para as almas também

fez Amor enfermidade.

116.  
Esparsa

*do Autor ao desconcerto do mundo*

Os bons vi sempre passar  
no mundo graves tormentos;  
e, para mais m'espantar,  
os maus vi sempre nadar  
em mar de contentamentos.  
Cuidando alcançar assim  
o bem tão mal ordenado,  
fui mau, mas fui castigado.  
Assim que, só para mim  
anda o mundo concertado.

82.  
Cantiga

a esta cantiga alheia:  
Pequenos contentamentos,  
i buscar quem contenteis,  
que a mim não me conheceis,

VOLTAS

Os gostos, que tantas dores  
fizeram já valer menos,  
não os aceita pequenas,  
quem nunca teve maiores.  
Bem parecem vãos favores,  
pois tão tarde me quereis  
qu'inda me não conheceis.

Ofereceis-me alegria,  
tendo-me já cego e mouco:  
é baixeza aceitar pouco  
quem tanto vos merecia.  
Ide-vos por outra via,  
pois o bem que me deveis  
nunca mo satisfareis.

52.  
Cantiga

a este mato seu:  
Descalça vai pela neve:  
assim faz quem Amor serve.

#### VOLTAS

Os privilégios que os reis  
não podem dar, pode Amor,  
que faz qualquer amador  
livre das humanas leis.  
Mortes e guerras cruéis,  
ferro, frio, fogo e neve,  
tudo sofre quem o serve.

Moça formosa despreza  
todo o frio e toda a dor  
(olhai quanto pode Amor  
mais que a própria natureza):  
medo nem delicadeza  
lhe impede que passe a nove;  
assim faz quem Amor serve.

Por mais trabalhos que leve,  
a tudo se ofereceria;  
passa pela nove fria,  
mais alva que a própria neve;  
com todo o frio se atreve;  
vede em que fogo ferve  
o triste que o Amor serve.

49.

#### Improviso

A umas Senhoras que, jogando  
perto de uma janela, lhes caíram  
«três paus» e deram na cabeça  
de Camões:

Para evitar dias maus  
da vida triste que passo,  
mandem-me dar um barão,  
que já cá tenho três paus.

20.

#### Trovas

a uma Senhora que estava  
rezando por umas contas

Peço-vos que me digais  
as orações que rezastes  
se são pelos que matastes,  
se por vós, que assim matais?  
Se são por vós, são perdidas;  
que, qual será a oração  
que seja satisfação,  
Senhora, de tantas vidas?

Que, se vedes quantos vêm  
a só vida vos pedir,  
como vos há Deus ouvir  
se vós não ouvis ninguém?  
Não podeis ser perdoada  
com mãos a matar tão prontas,  
que, se numa trazeis contas,  
na outra trazeis espada

Se dizeis que encomendando  
os que matastes andais,  
se rezais por quem matais,  
para que matais rezando?  
Que, se na força do orar  
levantais as mãos aos  
Céus, não as ergueis para Deus,  
erguei-las para matar.

E quando os olhos cerraís  
toda enlevada na fé,  
cerram-se os de quem vos vê,  
para nunca verem mais.  
Pois se assim forem tratados  
os que vos vêm quando orais,  
essas horas que rezais  
são as horas dos finados.

Pois logo, se saís servida  
que tantos mortos não sejam,  
não rezeis onde vos vejam,  
ou vede para dar vida.  
Ou, se quereis escusar  
estes males que causastes,  
ressuscitai quem matastes,  
não tereis por quem rezar.

24.  
Cantiga

a este moto:  
Vi chorar uns claros olhos  
quando deles me partia.  
Oh! que mágoa! Oh! que alegria!

### VOLTAS

Pelo meu apartamento  
se arrasaram todos d'água.  
Quem cuidou que em tanta mágoa  
achasse contentamento?  
Julgue todo entendimento  
qual mais sentir se devia:  
se esta dor, se esta alegria!

Quando mais perdido estive,  
então deu a esta alma minha  
na maior mágoa que tinha  
o maior gosto que tive.  
Assim, se minh'alma vive  
foi porque me defendia  
desta dor esta alegria.

O bem que Amor me não deu no  
tempo que o desejei,  
quando dele me apartei  
me confessou que era meu.  
Agora, que farei eu  
se a fortuna me desvia  
de lograr esta alegria?

Não sei se foi enganado,  
pois me tinha defendido  
das iras de mal querido  
no mel de ser apartado.  
Agora peno dobrado,  
achando no fim do dia  
o princípio d'alegria.

### 72. Cantiga

a este moto sei:  
Se de meu mal me contento,  
é porque para vós vejo  
em todo o mundo desejo  
e em ninguém merecimento.



## VOLTAS

Para quem vos soube olhar,  
tão impossível foi ser  
o poder-vos merecer,  
como o não vos desejar.  
Pois logo a meu pensamento  
nenhum remédio lhe vejo,  
senão se der o desejo  
asas ao merecimento.

92.

Cantiga

a esta cantiga alheia  
Perdigão perdeu a pena,  
não há mal que lhe não venha:

## VOLTAS

Perdigão, que o pensamento  
subiu em alto lugar,  
perde a pena do voar,  
ganha a pena do tormento.  
Não tem no ar nem no vento  
asas, com que se sustenha:  
não há mal que lhe não venha.

Quis voar a uma alta torre  
mas achou-se desasado;  
e, vendo-se depenado,  
de puro penado morre.  
Se a queixumes se socorre,  
lança no fogo mais lenha:  
não há mal que lhe não venha.

27.

Trovas

a umas Senhoras que haviam de ser  
terceiras para com uma Dama sua

Pois a tantas perdições,  
Senhoras, quereis dar vida,  
ditosa seja a ferida  
que tem tais cirurgiões!  
Pois ventura  
me subiu a tanta altura

que me sejais veladoras,  
ditosa seja a tristura  
que se cura  
por vossos rogos, Senhoras!

Ser minha pena mortal,  
já que entendeis que é assim,  
não quero falar por mim,  
que por mim fala meu mal.  
Sois formosas,  
haveis de ser piedosas,  
por ser tudo duma cor;  
que pois Amor vos fez rosas  
milagrosas,  
fazei milagres d'amor.

Pedi a quem vós sabeis  
que saiba de meu trabalho,  
não pelo que eu nisso valho,  
mas pelo que vós valeis.  
Que o valer  
de vosso alto merecer,  
com lho pedir de gíolhos,  
fará que em meu padecer  
possa ver  
o poder que têm seus olhos.

Vossa muita formosura  
co a sua tanto vai  
que me rio de meu mal  
quando cuido em quem mo cura.  
A meus ais  
peço-vos que lhe valhais,  
Damas de Amor tão validas,  
que nunca tal dor sintais  
que queirais  
onde não sejais queridas.

103.  
Cantiga

a este vilancete pastoril

—Deus te salve, Vasco amigo  
Não me falas ? Como assim ?  
—Bofé, Gil, não estava aqui

VOLTAS

Pois onde te hão-de falar,  
se não estás onde apareces?  
—Se Madanela conheces,  
nela me podes achar.  
—E como te hão-de ir buscar,  
aonde fogem de ti?  
—Pois nem eu estou em mi.

Porque te não acharei  
em ti, como em Madanela?  
—Porque me fui perder nela  
o dia que me ganhei.  
—Quem tão bem fala, não sei  
como anda fora de si.  
—Ela fala dentro em mi.

Como estás aqui presente,  
se lá tens a alma e a vida?  
—Porque é de uma alma perdida  
aparecer sempre à gente.  
—Se és morto, bem se consente  
que todos fujam de ti.  
—Eu também fujo de mi.

45.  
Glosa

a este moto alheio:  
Minha alma, lembrai-vos dela.

Pois o ver-vos tenho em mais  
que mil vidas que me deis,  
assim como a que me dais,  
meu bem, já que mo negais,  
meus olhos, não nos negueis.  
E se a tal estado vim,  
guiado de minha estrela,  
quando houverdes dó de mim,  
minha vida, dai-lhe a fim,  
minha alma. lembrai-vos dela.

17.  
Cantiga

a este cantar velho:  
Coifa de beirame  
namorou Joane.

## VOLTAS

por cousa tão pouca  
andas namorado?  
Amas a toucado  
e não quem o touca?  
Ando cega e louca  
por ti, meu Joane;  
tu, pelo beirame.

Amas o vestido?  
És falso amador.  
Tu não vês que Amor  
se pinta despido?  
Cego e perdido  
andas por beirame,  
e eu por ti, Joane.

Se alguém te vir,  
que dirá de ti?  
Que deixas a mi  
por cousa tão vill!  
Terá bem que rir,  
pois amas beirame,  
e a mim não, Joane.

Quem ama assim  
há-de ser amada;  
ando maltratada  
de amores, por ti.  
Ama-me a mi,  
e deixa o beirame,  
que é razão, Joane!

A todos encanta  
tua parvoíce;  
de tua doidice  
Gonçalo se espanta  
e zombando canta:  
—Coifa de beirame  
namorou Joane!

Eu não sei que viste  
neste meu toucado,  
que tão namorado  
dele te sentiste.  
Não te veja triste:  
ama-me, Joane,  
e deixa o beirame!

(Joane gemia,  
Maria chorava,  
assim lamentava  
o mal que sentia;  
os olhos feria,  
e não o beirame  
que matou Joane.)

Não sei de que vem  
Amares vestido;  
que o mesmo Cupido  
vestido não tem.  
Sabes de que vem  
amores beirame?  
Vem de ser Joane.

59.  
Glosa

ao mesmo moto

Posible es a mi cuidado  
poderme hacer satisfecho,  
si fuera posible al hado  
hacer no echo lo echo,  
y futuro lo pasado.  
Si olvido pudiera haber,  
fuera remedio sufrible;  
mas ya que no puede ser,  
para contento me hacer,  
todo es poco lo posible.

54.  
Cantiga

a esta cantiga alheia:  
Na fonte está Leonor  
lavando a talha e chorando,  
as amigas perguntando:  
vistes lá o meu amor?

VOLTAS

Posto o pensamento nele,  
porque a tudo o Amor a obriga,  
cantava, mas a cantiga  
eram suspiros por ele.  
Nisto estava Leonor

o seu desejo enganando,  
às amigas perguntando:  
vistes lá o meu amor?

O rosto sobre uma mão,  
os olhos no chão pregados,  
que, do chorar já cansados,  
algum descanso lhe dão.

Desta sorte Leonor  
suspende de quando em quando  
sua dor; e, em si tornando,  
mais pesada sente a dor.

Não deita dos olhos água,  
que não quer que a dor se abrande  
Amor, porque em mágoa grande  
seca as lágrimas a mágoa.  
Que, depois de seu amor  
soube novas, perguntando,  
d'improviso a vi chorando.  
Olhai que extremos de dor!

### 30.

#### Cantiga

a este moto:  
Ojos, herido me habéis,  
acabad ya de matarme;  
mas, muerto, volve á mirarme,  
por que me resucitéis.

#### VOLTAS

Pues me distes tal herida,  
con gana de darme muerte,  
el morir me es dulce suerte,  
pues con morir me dais vida.  
Ojos, ¿qué os detenéis?  
Acabad ya de matarme;  
mas muerto volved á mirarme,  
por que me resucitéis.

La llaga cierto ya es mía,  
aunque, ojos, vos no queráis;  
mas si la muerte me dais,  
el morir me es alegría.  
Y así digo que acabéis,  
ojos, ya de matarme;  
mas muerto, volved á mirarme,

por que me resucitéis.

23.

Trovas

a uma Dama que lhe jurara  
sempre por seus olhos

Quando me quer enganar  
a minha bela perjura,  
para mais me confirmar  
o que quer certificar,  
pelos seus olhos mo jura.  
Como meu contentamento  
todo se rege por eles,  
imagina o pensamento  
que se faz agravo a eles  
não crer tão grão juramento.

Porém, como em casos tais  
ando já visto e corrente,  
sem outros certos sinais,  
quanto me ela jura mais  
tanto mais cuido que mente.  
Então, vendo-lhe ofender  
uns tais olhos como aqueles,  
deixo-me antes tudo crer,  
só pela não constranger  
a jurar falso por eles.

3.

Cantiga

a esta cantiga alheia:  
Vida da minh'alma  
não vos posso ver:  
isto não é vida  
para se sofrer!

VOLTAS

Quando vos eu via,  
esse bem lograva,  
a vida estimava;  
mais então vivia,  
porque vos servia  
só para vos ver.  
Já que vos não vejo,

para que é viver?

Vivo sem razão,  
porque em minha dor  
não a pôs Amor,  
que inimigos são.  
Mui grande traição  
me obriga a fazer  
que viva, Senhora,  
sem vos poder ver.

Não me atrevo já,  
minha tão querida,  
a chamar-vos vida,  
porque a tenho má.  
Ninguém cuidará,  
que isto pode ser,  
sendo-me vós vida,  
não poder viver!

109.  
Trovas

que o Autor mandou da cadeia  
em que o tinha embargado por  
uma dívida Miguel Roiz, «Fios-Secos»  
de alcunha, que se embarcava para fora,  
ao Conde do Redondo, Viso-Rei, pedindo-lhe  
o fizesse desembargar

Que diabo há tão danado  
que não tema a cutilada  
dos fios secos da espada  
do fero Miguel armado?  
Pois se tanto um golpe seu  
soa na infernal cadeia,  
do que o demônio arreceia,  
como não fugirei eu?

Com razão lhe fugiria,  
se contra ele, e contra tudo,  
não tivesse um forte escudo  
só em Vossa Senhoria.  
Portanto, Senhor, proveja,  
pois me tem ao remo atado,  
que, antes que seja embarcado,  
eu desembargado seja.



108.  
Esparsa

a um fidalgo, na Índia, que lhe  
tardava com uma camisa galante,  
que lhe prometera

Quem no mundo quiser ser  
havido por singular,  
para mais se engrandecer  
há-de trazer sempre o dar  
nas ancas do prometer.  
E já que vossa mercê  
largueza tem por divisa,  
como todo mundo vê,  
há mister que tanto dê  
que venha [a] dar a camisa.

36.  
Cantiga

a este moto:  
Quem se confia em olhos,  
nas meninas deles vê,  
que meninas não têm fé.

VOLTAS

Quem põe suas confianças  
em meninas sem assento,  
ofereça o sofrimento  
a duzentas mil mudanças.  
Mostram no ar esperanças,  
mas em seus olhos se vê  
como não têm n'alma fé.

Enganam ao parecer,  
porque, no caso de amar,  
são mulheres no matar  
e meninas no querer.  
Quem em seus olhos se crer,  
cem mil graças neles vê;  
vê-las, sim, mas não ter fé.

Amostram-vos num momento  
favores assim a molhos;  
mas na mudança dos olhos  
se lhe muda o pensamento.  
Em nada têm assento,

e o que mais neles se vê  
é formosura sem fé.

99.

Cantiga

a uma Dama de apelido Anjos,  
que lhe chamou diabo

MOTO:

Senhora, pois me chamais  
tão sem razão tão mau nome,  
inda o diabo vos tome,

VOLTAS

Quem quer que viu, ou que leu,  
terá por novo e moderno  
ter quem vive no Inferno  
o pensamento no Céu.

Mas se a vós vos pareceu  
que me estava bem tal nome,  
esse diabo vos tome.

Perdido mais que ninguém  
confesso, Senhora, ser;  
mas «diabo» não quer  
aos «Anjos» tamanho bem.  
Pois logo não me convém,  
ou se me convém tal nome  
será para que vos tome.

Se vos benzeis com cautela,  
como de Anjo, e não de luz,  
mal pode fugir da Cruz  
quem vós tendes posto nela.  
Mas já que foi minha estrela,  
ser «diabo», e ter tal nome,  
guardai-vos, que vos não tome

Já que chegais tanto ao cabo,  
co as mãos postas aos Céus,  
vou sempre pedindo a Deus  
que vos leve este «diabo».  
Eu, Senhora, não me gabo;  
mas, pois que me dais tal nome,  
tomo-o, para que vos tome.

79.  
Cantiga

a uma Dama mal empregada  
MOTO SEU:

Menina, não sei dizer,  
vendo vos tão acabada,  
quão triste estou por vos ver  
formosa e mal empregada.

VOLTAS

Quem tão mal vos empregou,  
pouco de mi se doía,  
pois não viu quanto me ia  
em tirar-me o que tirou.  
Obriga o primor que tem  
lindeza tão extremada  
que digam quantos a vêm:  
— Ferosa e mal empregada!

Tomastes da formosura  
quanto dela desejastes,  
e com ela me guardastes  
para tão triste ventura.  
Matáveis sendo solteira,  
matais agora em casada;  
matais de toda a maneira;  
Ferosa e mal empregada!

80.  
Cantiga

a este moto alheio:  
Há um bem que chega e foge;  
e chama-se este bem tal,  
ter bem para sentir mal.

VOLTAS

Quem viveu sempre num ser,  
inda que seja em pobreza,  
não viu o bem da riqueza,  
nem o mal de empobrecer:  
não ganhou para perder;  
mas ganhou com vida igual  
não ter bem nem sentir mal.

039.  
Glosa

ao mesmo moto

Querendo Amor esconder-vos  
em parte que vos não visse,  
com extremos de querer-vos  
cegou-me os olhos com ver-vos,  
levou-os, sem que vos visse.

Eu, cego, mas atinado,  
quando vi que vos não via,  
do mesmo Amor indignado,  
já vedes qual ficaria  
sem vós e com meu cuidado.

006.  
Cantiga

a uma Dama,  
em forma de carta

Querendo escrever um dia  
o mal que tanto estimei,  
cuidando no que poria,  
vi Amor que me dizia:  
escreve, que eu notarei.

E como para se ler  
não era história pequena  
a que de mim quis fazer,  
das asas tirou a pena  
com que me fez escrever.

E, logo como a tirou,  
me disse: Aviva os espíritos,  
que, pois em teu favor sou,  
esta pena que te dou  
fará voar teus escritos.

E dando-me a padecer  
tudo o que quis que pusesse,  
pude, enfim, dele dizer  
que me deu com que escrevesse  
o que me deu a escrever.

Eu, qu' este engano entendi,  
disse-lhe:—que escreverei ?  
Respondeu, dizendo assim:  
—Altos afeitos de ti,  
e daquela a quem te dei.

E já que te manifesto  
todas minhas estranhezas,  
escreve, pois que te prezas,  
milagres dum claro gesto  
e, de quem o viu, tristezas.

Ah! Senhora, em quem se apura,  
a fé de meu pensamento!  
Escutai e estai a tento,  
que, com vossa formosura,  
iguala Amor meu tormento.  
E, posto que tão remota  
estejais de me escutar,  
por me não remediar,  
ouvi, que, pois Amor nota,  
milagres se hão-de notar:

#### Nota

Escrevem vários autores,  
que, junto da clara fonte  
do Ganges, os moradores  
vivem do cheiro das flores  
que nascem naquele monte.  
Se os sentidos podem dar  
mantimento ao viver,  
não é, logo, d'espantar,  
se estes vivem de cheirar,  
que viv' eu só de vos ver.

uma árvore se conhece,  
que, na geral alegria,  
ela só tanto entristece, que,  
como é noite, floresce,  
e perde as flores de dia.  
Eu, que em ver-vos sinto o preço  
que em vossa vista consiste,  
em a vendo me entristeço,  
porque sei que não mereço  
a glória de viver triste.

Um rei de grande poder  
com veneno foi criado,  
porque, sendo costumado,  
não lhe pudesse empecer  
se depois lhe fosse dado.  
Eu, que criei de pequena  
a vida a quanto padece,  
desta sorte me acontece,  
que não me faz mal a pena

senão quando me falece.

Quem da doença real,  
de longe, enfermo se sente,  
por segredo natural  
fica são, vendo somente  
um volátil animal.  
Do mal que Amor em mim cria,  
quando aquela Fênix vejo,  
são de todo ficaria;  
mas fica-me hidropisia,  
que quanto mais, mais desejo.

Da bívora é verdadeiro  
se a consorte vai buscar,  
que, em se querendo juntar,  
deixa a peçonha primeiro,  
porque lhe impede o gerar.  
Assim quando me apresento  
à vossa vista inumana,  
a peçonha do tormento  
deixo a parte, porque dana  
tamanho contentamento.

Querendo Amor sustentar-se,  
fez uma vontade esquiva  
d'uma estátua namorar-se;  
depois, por manifestar-se,  
converteu-a em mulher viva.  
De quem me irei queixando,  
ou quem direi que m'engana,  
se vou seguindo e buscando  
uma imagem que, de humana,  
em pedra se vai tornando?

De uma fonte se sabia,  
da qual certo se provava  
que, quem sobr' ela jurava,  
se falsidade dizia,  
dos olhos logo cegava.  
Vós, que minha liberdade,  
Senhora, tiranizais,  
injustamente mandais  
quando vos falo verdade  
que vos não possa ver mais.

Da palma se escreve e canta  
ser tão dura e tão forçosa,  
que peso não a quebranta,  
mas antes, de presunçosa,

com ele mais se levanta.  
Co peso do mal que dais,  
a constância que em mim vejo  
não somente ma dobrais,  
mas dobra-se meu desejo,  
com que então vos quero mais.

Se alguém os olhos quiser  
as andorinhas quebrar,  
logo a mãe, sem se deter,  
uma erva lhe vai buscar,  
que lhe faz outros nascer.  
Eu, que os olhos tenho a tento  
nos vossos, que estrelas são,  
cegam-se os do entendimento,  
mas nascem-me os da razão  
de folgar com meu tormento.

Lá para onde o sol sai  
descobrimos, navegando,  
um novo rio admirando,  
que o lenho que nele cai,  
em pedra se vai tornando.  
Não se espantem disto as gentes;  
mais razão será que espante  
um coração tão possante  
que, com lágrimas ardentes,  
se converte em diamante.

Pode um mudo nadador  
na linha e cana influir  
tão venenoso vigor  
que faz mais não se bulir  
o braço do pescador.  
Se começam de beber  
deste veneno excelente  
meus olhos, sem se deter,  
não se sanem mais mover  
a nada que se apresente.

Isto são claros sinais  
do muito que em mim podeis:  
nem podeis desejar mais;  
que, se ver-vos desejais,  
em mim claro vos vereis.  
E quereis ver a que fim  
em mim tanto bem se pôs?  
Porque quis Amor assim  
que, por vos verdes a vós,  
também me vísseis a mim.

Dos males que me ordenais,  
que inda tenho por pequenos,  
sabei, se nos escutais,  
que já não sei dizer mais,  
nem vós podeis saber menos.  
Mas já que a tanto tormento  
não se acha quem resista,  
eu, Senhora, me contento  
de terdes meu sofrimento  
por alvo de vossa vista.

Quantos contrários consente  
Amor, por mais padecer!  
Que aquela vista excelente,  
que me faz viver contente,  
me faça tão triste ser!  
Mas dou este entendimento  
ao mal que tanto me ofende,  
como na vela se entende  
que, se apaga co vento,  
co mesmo vento se acende.

Experimentou-se alguma hora  
da ave que chamam Camão,  
que, se da casa onde mora  
vê adúltera a senhora,  
morre de pura paixão.  
A dor é tão sem medida,  
que remédio lhe não vai;  
mas, oh ditoso animal,  
que pode perder a vida  
quando vê tamanho mal!

Nos gostos de vos querer  
estava agora enlevado,  
se não fora salteado  
das lembranças de temer  
ser por outrem desamado.  
Estas suspeitas tão frias,  
com que o pensamento sonha,  
são assim como as Harpias,  
que as mais doces iguarias,  
vão converter em peçonha.

Faz-me este mal infinito  
não poder já mais dizer,  
por não vir a corromper  
os gostos que tenho escrito  
cos males que hei-de escrever.  
Não quero que se apregoe



mal tanto para encobrir,  
porque, enquanto aqui se ouvir,  
nenhuma outra coisa soe  
que a glória de vos servir.

107.

Cantiga

a uma mulher que foi açoutada  
por um homem de apelido  
Quaresma, na Índia

MOTO:

Não estejais agravada,  
senão se for de vós mesma;  
porque a mulher que é errada  
com razão pela Coresma  
deve ser disciplinada.

VOLTAS

Quererdes profano amor  
em Coresma, é consciência:  
açoutes e penitência  
vos está muito melhor.

Não fiqueis disto afrontada,  
pois a culpa é vossa mesma;  
que mulher que é tão malvada  
é bem que pela Coresma  
seja bem disciplinada.

Se a penitência vos vai,  
mui bem açoutada estais;  
pois por Coresma pagais

vossos vícios do carnal.  
Não torneis a ser errada,  
nem condeneis a vós mesma,  
pois estais já emendada;  
e não sereis por Coresma  
outra vez disciplinada.

090.

Cantiga

a uma Dama a quem  
não podia encontrar

MOTO:

Qual terá culpa de nós

neste mal que todo é meu?  
quando vindes, não vou eu,  
quando vou, não vindes vós

VOLTAS

Reinando Amor em dous peitos,  
tece tantas falsidades,  
que, de conformes vontades,  
faz desconformes efeitos.  
Igualmente vive em nós;  
mas, por desconcerto seu,  
vos leva, se venho eu,  
me leva, se vindes vós.

061.

Cantiga

a uma Dama que estava  
vestida de dó

MOTO:

De atormentado e perdido,  
já vos não peço senão  
que tenhais no coração  
o que tendes no vestido.

VOLTAS

Se de dó vestida andais  
por quem já vida não tem,  
porque não no haveis de quem  
vós tantas vezes matais?  
Que brado sem ser ouvido,  
e nunca vejo senão  
cruzas no coração,  
e grande dó no vestido.

018.

Trovas

a uma Senhora a quem deram um  
pedaço de cetim amarelo pera uma  
filha de quem se tinha suspeita

Se derivais da verdade  
esta palavra Sitim,  
achareis, sem falsidade,  
que após o Si, tem o Tim,

que tine em toda a cidade.  
Bem vejo que me entendeis;  
mas porque não fale em vão,  
sabei que a esta nação  
tanto que o Si concedeis  
o Tim logo está na mão.

E quem da fama se arreda,  
que tudo vai descobrir,  
deve sempre de fugir  
de sitins, porque da seda  
seu natural é rugir.  
Mas pano fino e delgado,  
qual raxa e outros assim,  
dura, aqueita e é calado,  
amoroso, e dá de si,  
mais que sitim, nem bocado.

Mas estes, que sedas são  
com quem s'enganam mil Damas,  
mais vos tomam do que dão;  
prometem, mas não darão  
senão nódoas para as famas.  
E se não me quereis crer,  
ou tomais outro caminho,  
por exemplo o podeis ver,  
quando lá virdes arder  
a casa de algum vizinho.

Ó feminina simpleza,  
donde estão culpas a pares,  
que por um Dom de nobreza,  
deixam deões de natureza,  
mais altos e singulares  
—um dom que anda enxertado  
no nome, e nas obras não!—  
(Falo como experimentado;  
que, sitim desta feição,  
eu tenho muito cortado.)

Dizem-me que era amarelo;  
a quem assim o quis dar,  
só para me Deus vingar,  
se vem à mão, amarelo,  
o que eu não posso cuidar.  
Porque quem sabe viver  
por estas artes manhosas  
(isto bem pode não ser),  
dá a meninas formosas  
somente podias fazer.

Quem vos isto diz, Senhora,  
serviu nas vossas armadas  
muito, mas anda já fora;  
e pode ser que inda agora  
traz abertas as frechadas.  
E, posto que desfavores  
o tiram de servidor,  
quer-vos ventura melhor;  
que dos antigos amores  
inda lhe fica este amor.

021.  
Cantiga

a este mato alheio:  
Se me levam águas  
nos olhos as levo.

VOLTAS

Se de saudade  
morrerei ou não,  
meus olhos dirão  
de mim a verdade.  
Por eles me atrevo  
a lançar as águas  
que mostrem as mágoas  
que nesta alma levo.

As águas que em vão  
me fazem chorar,  
se elas são do mar  
estas d'amar são.

Por elas relevo  
todas minhas mágoas;  
que, se força d'águas  
me leva, eu as levo.

Todas me entristecem,  
todas são salgadas;  
porém as choradas  
doces me parecem.  
Correi, doces águas,  
que, se em vós me enlevo,  
não doem as mágoas  
que no peito levo!

076.  
Cantiga

a este moto alheio:  
Vede bem se nos meus dias  
os desgostos vi sobejos,  
pois tenho medo a desejos  
e quero mal a alegrias.

VOLTAS

Se desejos fui já ter,  
serviram de atormentar-me;  
se algum pôde alegrar-me,  
quis-me antes entristecer.  
Passei anos, passei dias,  
em desgostos tão sobejas  
que, só por não ter desejos,  
perderei mil alegrias.

087.  
Cantiga

a esta cantiga alheia:  
Se me desta terra for,  
eu vos levarei, amor.

VOLTAS

Se me for, e vos deixar  
(ponho, por caso, que possa),  
esta alma minha, que é vossa,  
convosco me há-de ficar.  
Assim que, só por levar  
a minh'alma, se me for,  
vos levarei, meu amor.

Que mal pode maltratar-me  
que convosco seja mal?  
Ou que bem pode ser tal  
que sem vós possa alegrar-me?  
O mal não pode enojar-me,  
o bem me será maior  
se vos levar, meu amor.

097.  
Esparsa

a uma Dama por quem penava

Se na alma e no pensamento  
por vosso me manifesto,  
não me pesa do que sento;  
que, se não sofrer tormento,  
faço ofensa a vosso gesto.  
E, pois quanto Amor ordena  
e quanto esta alma deseja  
tudo à morte me condena,  
não quero senão que seja  
tudo pena, pena, pena.

113.  
Trovas

que Luís de Camões fez, na Índia,  
a certos fidalgos a quem convidara para cear

A primeira iguaria foi posta  
a Casco de Ataíde. entre dous pratos,  
e diria assim:

Se não quereis padecer  
uma ou duas horas tristes,  
sabeis que haveis de fazer?  
Volveros por do venistes,  
que aqui não há que comer.  
E posto que aqui leiais  
trovinha que vos enleia,  
corrido não estejais;  
porque por mais que corrais  
não heis-de alcançar a ceia.

A segunda, a D. Franeisco d'Almeida:

Heliogáballo zombava  
das pessoas convidadas,  
e de sorte as enganava  
que as iguarias que dava  
vinham nos pratos pintadas.  
Não temais tal travessura,  
pois já não pode ser nova;  
que a ceia está mui segura  
de vos não vir em pintura,  
mas há-de vir toda em trova.

A terceira, a Heitor da Silveira:

Ceia não a papareis;  
contudo, porque não minta,  
para beber achareis,  
não Caparica, mas tinta,  
e mil cousas que papeis.  
E vós torceis o focinho,  
com esta anfibologia?  
Pois sabeis que a Poesia  
vos dá aqui tinta por vinho,  
e papéis por iguaria.

A quarta foi posta a João Lopes Leitão,  
a quem o Autor mandou um moto,  
que vai adiante, sobre uma peça  
de cacha, que este mandas ã a da Dama:

Porque os que vos convidaram  
vosso estômago não danem,  
por justa causa ordenaram,  
se trovas vos enganaram,  
que trovas vos desenganem.  
Vós tereis isto por tacha,  
converter tudo em trovar;  
pois se me virdes zombar,  
não cuideis, Senhor, que é cacha,  
que aqui não há cachar.

Finge que, responde João Lopes Leitão:

Pesar ora não de São!  
Eu juro pelo Céu bento  
se de comer me não dão,  
que eu não sou camaleão  
que me hei-de manter do vento.

Finge que responde o Autor:

Senhor, não vos agasteis,  
porque Deus vos proverá;  
e se mais saber quereis,  
nas costas deste lereis  
as iguarias que há.

Vira o papel, que dizia assim:

Tendes nem migalha assada,  
cousa nenhuma de molho,  
e nada feito em empada,  
e vento de tigelada,  
picar no dente em remalho.

De fumo tendes tassalhos,  
aves da pena que sente  
quem de fome anda doente;  
bocejar de vinho e de alhos,  
manjar em branco excelente.

A quinta e derradeira iguaria foi posta  
a Francisco de Melo e dizia:

De um homem que teve o ceptro  
da veia maravilhosa,  
não foi cousa duvidosa  
que se lhe tornava em metro  
o que ia a dizer em prosa.  
De mim vos quero apostar  
que faça cousas mais novas  
de quanto podeis cuidar:  
esta ceia, que é manjar,  
vos faça na boca em trovas.

034.  
Glosa

a este moto alheio:  
Vejo-a n'alma pintada  
quando me pede o desejo  
o natural que não vejo.

Se só no ver puramente  
me transformei no que vi,  
de vista tão excelente  
mal poderei ser ausente  
enquanto o não for de mi.  
Porque a alma namorada  
a traz tão bem debuxada,  
e a memória tanto voa  
que se a não vejo em pessoa,  
vejo-a n'alma pintada.

O desejo, que se estende  
ao que menos se concede,  
sobre vós pede e pretende,  
como o doente que pede  
o que mais se lhe defende.  
Eu, que em ausência não vejo,  
tenho piedade e pejo  
de me ver tão pobre estar,  
que então não tenho que dar  
quando me pede o desejo,



Como aquele que cegou  
é cousa vista e notória  
que a natureza ordenou  
que se lhe dobre em memória  
o que em vista lhe faltou;  
assim a mim, que não rejo  
os olhos ao que desejo,  
na memória e na firmeza  
me concede a natureza  
o natural que não vejo.

025.  
Cantiga

a este mato alheio:  
Trocai o cuidado,  
Senhora, comigo;  
vereis o perigo  
que é ser desamado.

VOLTAS

Se trocar desejo  
o amor entre nós,  
é para que em vós  
vejaís o que vejo.  
E sendo trocado  
este amor comigo,  
ser-vos-á castigo  
terdes meu cuidado.

Tendes o sentido  
d'amor livre e isento;  
e cuidais que é vento  
ser tão mal querido.  
Não seja o cuidado  
tão vosso inimigo  
que queira o perigo  
de ser desamado.

Mas nunca foi tal  
este meu querer,  
que a quem tanto quer  
queira tanto mal.  
Seja eu maltratado,  
e nunca o castigo  
vos mostre o perigo  
que é ser desamado.

050.  
Cantiga

este moto:  
Quem disser que a barca pende,  
dir-lhe hei, mana, que mente.

VOLTAS

Se vos quereis embarcar  
e para isso estais no cais,  
entrai logo; que tardais?  
Olhai que está preamar!  
E se outrem, por vos fretar,  
vos disser que esta que pende,  
dir-lhe hei, mana, que mente.

Esta barca é de carreira,  
tem seus aparelhos novos;  
não há como ela outra em Povos,  
boa de leme e veleira.  
Mas, se por ser a primeira,  
vos disser alguém que pende,  
dir-lhe hei, mana, que mente.

098.  
Esparsa

a uma Dama que lhe chamou  
«cara-sem-olhos»

Sem olhos vi o mal claro  
que dos olhos se seguiu:  
pois «cara-sem-olhos» viu  
olhos que lhe custam caro.  
De olhos não faço menção,  
pois quereis que olhos não sejam;  
vendo-vos, olhos sobejam,  
não vos vendo olhos não são.

114.  
Cantiga

a João Lopez, Leitão, na Índia,  
por causa de uma peça de cacha  
que este mandou a alguma Dama  
que se lhe fazia donzela  
MOTO:

Se vossa dama vos dá  
tudo quanto vós quisestes,  
dizei: para que lhe destes  
o que vos ela fez já?

### VOLTAS

Sendo os restos envidados  
e vós de cachas mil contos,  
sabeis com quão poucos pontos  
que lhos achastes quebrados.

Se o que tem, isso vos dá,  
vós mui bem lho merecestes,  
porque, se a cacha lhe destes,  
tinha-vo-la feita já.

### 001. Trovas

a uma Dama que lhe mandou  
pedir algumas obras suas

Senhora, se eu alcançasse  
no tempo que ler quereis,  
que a dita dos meus papéis  
pela minha se trocasse;

e por ver  
tudo o que posso escrever  
em mais breve relação,  
indo eu onde eles vão,  
por mim só quisésseis ler;

Depois de ver um cuidado  
tão contente de seu mal,  
veríeis o natural  
do que aqui vedes pintado;  
que o perfeito

Amor, de que sou sujeito,  
vereis áspero e cruel,  
aqui com tinta e papel,  
em mim co sangue no peito.

Que um contino imaginar  
naquilo que Amor ordena,  
é pena que, enfim, por pena  
se não pode declarar;  
que, se eu levo  
dentro n'alma quanto devo  
de trasladar em papéis,

vede qual melhor lereis:  
se a mim, se aquilo que escrevo?

095.  
Cantiga

a este moto:  
Dó la mi ventura?  
Que no veio alguma.

#### VOLTAS

Sepa quién padece  
que en la sepultura  
se esconde ventura de  
quién la merece.  
Allá me parece  
que quiere fortuna  
que yo halle alguna.

Naciendo mezquino,  
dolor fué mi cama;  
tristeza fué el ama,  
cuidado el padrino.  
Vestíose el destino,  
negra vestidura;  
huyó la ventura.

No se halló tormento,  
que allí no se hallase;  
ni bien que pasase,  
sino como viento.  
¡Oh, que nacimiento,  
que luego en la cuna  
me siguió fortuna!

Esta dicha mía,  
que siempre busqué,  
buscandola, hallé  
que no la hallaría;  
que quién nace en día  
d'estrella tan dura,  
nunca halla ventura.

No puso mi estrella  
más ventura en mí;  
así vive en fin  
quién nace sin ella.  
No me quejo della;

quéjome que atura  
vida tan escura.

118.  
SUPER FLUMINA ...

Sôbolos rios que vão  
por Babilônia, m'achei,  
onde sentado chorei  
as lembranças de Sião  
e quanto nela passei.

Ali o rio corrente  
de meus olhos foi manado,  
e tudo bem comparado,  
Babilônia ao mal presente,  
Sião ao tempo passado.

Ali, lembranças contentes  
n'alma se representaram,  
e minhas cousas ausentes  
se fizeram tão presentes  
como se nunca passaram.

Ali, depois de acordado,  
co rosto banhado em água,  
deste sonho imaginado,  
vi que todo o bem passado  
não é gosto, mas é mágoa.

E vi que todos os danos  
se causavam das mudanças  
e as mudanças dos anos;  
onde vi quantos enganos  
faz o tempo às esperanças.

Ali vi o maior bem  
quão pouco espaço que dura,  
o mal quão depressa vem,  
e quão triste estado tem  
quem se fia da ventura.

Vi aquilo que mais vai,  
que então se entende melhor  
quanto mais perdido for;  
vi o bem suceder mal,  
e o mal, muito pior.

E vi com muito trabalho  
comprar arrependimento;  
vi nenhum contentamento,  
e vejo-me a mim, que espalho  
tristes palavras ao vento.

Bem são rios estas águas,  
com que banho este papel;  
bem parece ser cruel  
variedade de mágoas  
e confusão de Babel.  
Como homem que, por exemplo  
dos transe em que se achou,  
depois que a guerra deixou,  
pelas paredes do templo  
suas armas pendurou:

Assim, depois que assentei  
que tudo o tempo gastava,  
da tristeza que tomei nos  
salgueiros pendurei os órgãos  
com que cantava.

Aquele instrumento ledó  
deixei da vida passada,  
dizendo:—Música amada,  
deixo-vos neste arvoredo  
à memória consagrada.  
Flauta minha que, tangendo,  
os montes fazíeis vir  
para onde estáveis, correndo;  
e as águas, que iam descendo,  
tornavam logo a subir:  
jamais vos não ouvirão  
os tigres, que se amansavam,  
e as ovelhas, que pastavam,  
das ervas se fartarão  
que por vos ouvir deixavam.

Já não fareis docemente  
em rosas tornar abrolhos  
na ribeira florescente;  
nem poreis freio à corrente,  
e mais, se for dos meus olhos.  
Não movereis a espessura,  
nem podereis já trazer  
atrás vós a fonte pura,  
pois não pudestes mover  
desconcertos da ventura

Ficareis oferecida  
à Fama, que sempre vela,  
flauta de mim tão querida;  
porque, mudando-se a vida,  
se mudam os gostos dela.  
Acha a tenta mocidade  
prazeres acomodados,

e logo a maior idade  
já sente por pouquidade  
aqueles gostos passados.

Um gosto que hoje se alcança,  
amanhã já o não vejo;  
assim nos traz a mudança  
de esperança em esperança,  
e de desejo em desejo.  
Mas em vida tão escassa  
que esperança será forte?  
Fraqueza da humana sorte,  
que, quanto da vida passa  
está receitando a morte!

Mas deixar nesta espessura  
o canto da mocidade,  
não cuide a gente futura  
que será obra da idade  
o que é força da ventura.  
Que idade, tempo, o espanto  
de ver quão ligeiro passe,  
nunca em mim puderam tanto  
que, posto que deixe o canto,  
a causa dele deixasse.

Mas, em tristezas e enojas  
em gosto e contentamento,  
por sol, por neve, por vento,  
terné presente a los ojos  
por quien muero tan contento.  
Órgãos e flauta deixava,  
despojo meu tão querido,  
no salgueiro que ali estava  
que para troféu ficava  
de quem me tinha vencido.

Mas lembranças da afeição  
que ali cativo me tinha,  
me perguntaram então:  
que era da música minha  
que eu cantava em Sião?  
Que foi daquele cantar  
das gentes tão celebrado?  
Porque o deixava de usar?  
Pois sempre ajuda a passar  
qualquer trabalho passado.

Canta o caminhante ledado  
no caminho trabalhoso.

por antr'o espesso arvoredos  
e, de noite, o temeroso  
cantando, refreia o medo.  
Canta o preso documento  
os duros grilhões tocando;  
canta o segador contente;  
e o trabalhador, cantando,  
o trabalho menos sente.

Eu, qu'estas cousas senti  
n'alma, de mágoas tão cheia

Como dirá, respondi,  
quem tão alheio está de si  
doce canto em terra alheia?

Como poderá cantar  
quem em choro banh'o peito?  
Porque se quem trabalhar  
canta por menos cansar,  
eu só descansos enjeito.

Que não parece razão  
nem seria cousa idônea,  
por abrandar a paixão,  
que cantasse em Babilônia  
as cantigas de Sião.  
Que, quando a muita graveza  
de saudade quebrante  
esta vital fortaleza,  
antes mouro de tristeza  
que, por abrandá-la, cante.

Que se o fino pensamento  
só na tristeza consiste,  
não tenho medo ao tormento  
que morrer de puro triste,  
que maior contentamento?  
Nem na flauta cantarei  
O que passo, e passei já,  
nem menos o escreverei,  
porque a pena cansará,  
e eu não descansarei.

Que, se vida tão pequena  
se acrescenta em terra estranha,  
e se amor assim o ordena,  
razão é que canse a pena  
de escrever pena tamanha.  
Porém se, para assentar  
o que sente o coração,  
a pena já me cansar  
não canse para voar



a memória em Sião.

Terra bem-aventurada,  
se, por algum movimento,  
d'alma me fores mudada,  
minha pena seja dada  
a perpétuo esquecimento.

A pena deste desterro,  
que eu mais desejo esculpida  
em pedra, ou em duro ferro,  
essa nunca sela ouvida,  
em castigo de meu erro.

E se eu cantar quiser,  
em Babilônia sujeito,  
Jerusalém, sem te ver,  
a voz, quando a mover,  
se me congele no peito.  
A minha língua se apegue  
às fauces, pois te perdi,  
se, enquanto viver assim,  
houver tempo em que te negue  
ou que me esqueça de ti.

Mas ó tu, terra de Glória,  
se eu nunca vi tua essência,  
como me lembras na ausência?  
Não me lembras na memória,  
senão na reminiscência.  
Que a alma é tábua rasa,  
que, com a escrita doutrina  
celeste, tanto imagina,  
que voa da própria casa  
e sobe à pátria divina.

Não é, logo, a saudade  
das terras onde nasceu  
a carne, mas é do Céu,  
daquela santa cidade,  
donde esta alma descendeu.  
E aquela humana figura,  
que cá me pôde alterar,  
não é quem se há-de buscar:  
é raio de formosura,  
que só se deve de amar.  
Que os olhos e a luz que ateia  
o fogo que cá sujeita,  
não do sol, mas da candeia,  
é sombra daquela Idéia  
que em Deus está mais perfeita.

E os que cá me cativaram  
são poderosos afeitos  
que os corações têm sujeitos;  
sofistas que me ensinaram  
maus caminhos por direitos.

Destes, o mando tirano  
me obriga, com desatino,  
a cantar ao som do dano  
cantares d'amor profano  
por versos d'amor divino.  
Mas eu, lustrado co santo  
Raio, na terra de dor,  
de confusão e de espanto,  
como hei-de cantar o canto  
que só se deve ao Senhor?

Tanto pode o beneficio  
da Graça, que dá saúde,  
que ordena que a vida mude;  
e o que tomei por vício  
me faz grau para a virtude;  
e faz que este natural  
amor, que tanto se preza,  
suba da sombra ao Real,  
da particular beleza  
para a Beleza geral.

Pique logo pendurada  
a flauta com que tangi,  
ó Jerusalém sagrada,  
e tome a lira dourada,  
para só cantar de ti.  
Não cativo e ferrolhado  
na Babilônia infernal,  
mas dos vícios desatado,  
e cá desta a ti levado,  
Pátria minha natural.  
E se eu mais der a cerviz  
a mundanos acidentes,  
duros, tiranos e urgentes,  
risque-se quanto já fiz  
do grão livro dos viventes.  
E tomando já na mão  
a lira santa, e capaz  
doutro mais alta invenção,  
cale-se esta confusão,  
cante-se a visão da paz.

Ouçá-me o pastor e o Rei,

retumbe este acento santo,  
mova-se no mundo espanto,  
que do que já mal cantei  
a palinódia já canto.  
A vós só me quero ir,  
Senhor e grão Capitão  
da alta torre de Sião,  
à qual não posso subir  
se me vós não dais a mão.

No grão dia singular  
que na lira o douto som  
Jerusalém celebrar,  
lembrai-vos de castigar  
os ruins filhos de Edom.  
Aqueles que tintos vão  
no pobre sangue inocente,  
soberbos co poder vão,  
arrasai-os igualmente,  
conheçam que humanos são.

E aquele poder tão duro  
dos afeitos com que venho,  
que encenem alma e engenho,  
que já me entraram o muro  
do livre alvedrio que tenho;  
estes, que tão furiosos  
gritando vêm a escalar-me,  
maus espíritos danosos,  
que querem como forçosos  
do alicerce derrubar-me;  
Derrubai-os, fiquem sós,  
de forças fracos, imbeles,  
porque não podemos nós  
nem com eles ir a Vós,  
nem sem Vós tirar-nos deles.  
Não basta minha fraqueza,  
para me dar defesa,  
se vós, santo Capitão,  
nesta minha fortaleza  
não puserdes guarnição.

E tu, ó carne que encantas,  
filha de Babel tão feia,  
toda de misérias cheia,  
que mil vezes te levantas,  
contra quem te senhoreia:  
beato só pode ser  
quem co a ajuda celeste  
contra ti prevalecer,

e te vier a fazer  
o mal que lhe tu fizeste;

Quem com disciplina crua  
se fere mais que uma vez,  
cuja alma, de vícios nua,  
faz nódoas na carne sua,  
que já a carne n'alma fez.

E boato quem tomar  
seus pensamentos recentes  
e em nascendo os afogar,  
por não virem a parar  
em vícios graves e urgentes;

Quem com eles logo der  
na pedra do furar santo,  
e, batendo, os desfizer  
na Pedra, que veio a ser  
enfim cabeça do Canto;  
Quem logo, quando imagina  
nos vícios da carne má,  
os pensamentos declina  
àquela Carne divina  
que na Cruz esteve já.

Quem do vil contentamento  
cá deste mundo visível,  
quanto ao homem for possível,  
passar logo o entendimento  
para o mundo inteligível:  
ali achará alegria  
em tudo perfeita e cheia,  
de tão suave harmonia  
que nem, por pouca, recreia,  
nem, por sobeja, enfastia.

Ali verá tão-profundo  
mistério na suma alteza  
que, vencida a natureza,  
os mores faustos do mundo  
julgue por maior baixeza  
Ó tu, divino aposento,  
minha pátria singular!  
Se só com te imaginar  
tanto sobe o entendimento,  
que fará se em ti se achar?

Ditoso quem se partir  
para ti, terra excelente,  
tão justo e tão penitente  
que, depois de a ti subir

lá descanse eternamente.

094.

Cantiga

a este moto seu:

Venceu-me Amor, não o nego;  
tem mais força qu'eu assaz;  
que, como é cego, e rapaz,  
dá-me porrada de cego!

VOLTAS

Só porque é rapaz ruim,  
dei-lhe um bofete, zombando;  
diz-me:—Ó mau, estais-me dando  
porque sois maior que mim?  
pois se vos eu descarrego...  
Em dizendo isto, chaz!  
torna-m'outra. Tá! rapaz,  
que dás porrada de cego!

016.

Trovas

a umas suspeitas

Suspeitas, que me quereis?  
Que eu vos quero dar lugar,  
que, de certas, me mateis,  
se a causa de que nasceis  
vos quisesse confessar.  
Que de não lhe achar desculpa  
a grande mágoa passada  
me tem a alma tão cansada  
que, se me confessa a culpa,  
tê-la-ei por desculpada.

Ora vede que perigos  
têm cercado o coração,  
que, no meio da opressão,  
a seus próprios inimigos  
vai pedir a defesa!  
Que, suspeitas, eu bem sei,  
como se claro vos visse,  
que é certo o que já cuidei;  
que nunca mal suspeitei  
que certo me não saísse.

Mas queria esta certeza  
daquela que me atormenta;  
por que em tamanha estreiteza  
ver que disso se contenta  
é descanso da tristeza.  
Porque se esta só verdade  
me confessa, limpa e nua  
de cautela e falsidade,  
não pode a minha vontade  
desconformar-se da sua.

Por segredo namorado  
é certo estar conhecido  
que o mal de ser enjeitado  
mais atormenta sabido,  
mil vezes, que suspeitado.  
Mas eu só, em quem se ordena  
novo modo de querela,  
de medo da dor pequena,  
venho achar na maior pena  
o refrigério para ela.

Já nas iras me inflamei,  
nas vinganças, nos furores  
que já, doudo, imaginei;  
e já mais doudo o jurei  
de arrancar d'alma os amores.  
Já determinei mudar-me  
pra outra parte com ira;  
depois vim a concertar-me que  
era bom certificar-me  
no que mostrava a mentira.

Mas depois já de cansadas  
as fúrias do imaginar,  
vinha enfim a arrebentar  
em lágrimas magoadas  
e bem para magoar.  
E deixando-se vencer  
os meus fingidos enganos,  
de tão claros desenganos  
não posso menos fazer  
que contentar-me cos danos.

E pedir que me tirassem  
este mal de suspeitar  
que me vejo atormentar,  
ainda que me confessassem  
quanto me pode matar.  
Olhai bem se me trazeis,

Senhora, posto no fim;  
pois neste estado a que vim,  
para que vós confesseis  
se dão os tratos a mim.

Mas para que tudo possa  
Amor, que tudo encaminha,  
tal justiça lhe convinha;  
porque da culpa que é vossa  
venha a ser a morte minha.

Justiça tão mal olhada,  
olhai com que cor se doura,  
que quer, no fim da jornada,  
que vós sejais confessada  
para que eu seja o que moura!

Pois confessai-vos já' gora,  
inda que tenho temor  
que nem nest' última hora  
me há-de perdoar Amor  
vossos pecados, Senhora.  
E assim vou desesperado,  
porque estes são os costumes  
de amor que é mal empregado,  
do qual vou já condenado  
ao inferno, de ciúmes!

028.  
Glosas

ao moto que lhe enviou Dona  
Francisca de Aragão para que lho  
glosasse:

Mas porém a que cuidados ?  
1ª.

Tanto maiores tormentos  
foram sempre os que sofri,  
daquilo que cabe em mi,  
que não sei que pensamentos  
são os para que nasci.  
Quando vejo este meu peito  
a perigos arriscados  
inclinado, bem suspeito  
que a cuidados sou sujeito;

Mas porém a que cuidados ?  
2ª.

Que vindes em mim buscar,  
cuidados, que sou cativo,  
e não tenho que vos dar?  
Se vindes a me matar,  
já há muito que não vivo;  
se vindes, porque me dais  
tormentos desesperados,  
eu, que sempre sofri mais,  
não digo que não venhais;  
Mas porém a quê, cuidados?

3ª.

Se as penas que Amor me deu  
vêm por tão suaves meios,  
não há que temer receios,  
que vai um cuidado meu  
por mil descansos alheios.  
Ter nuns olhos tão formosos  
os sentidos enlevados,  
bem sei que em baixos estados  
são cuidados perigosos;  
Mas porém, ah! que cuidados!

Carta

que Luís de Camões mandou  
a Dona Francisca de Aragão,  
com as glosas acima:

Senhora

Deixei-me enterrar no esquecimento de v. m., crendo me seria assim mais seguro: mas agora que é servida de me tornar a ressuscitar, por mostrar seus poderes, lembro-lhe que uma vida trabalhosa é menos de agradecer que uma morte descansada. Mas se esta vida, que agora de novo me dá, for para me tornar a tomar, servindo-se dela, não me fica mais que desejar, que poder acertar com este moto de v. m., ao qual dei três entendimentos, segundo as palavras dele puderam sofrer: se forem bons, é o moto de v. m.; se maus, são as glosas minhas.

046.

Glosa

a este moto alheio:  
Tudo pode uma afeição.



Tem tal jurisdição Amor  
n'alma donde se aposenta  
e de que se faz senhor,  
que a liberta e isenta  
de todo o humano temor.  
E com mui justa razão,  
como senhor soberano,  
que Amor não consente dano;  
e pois me sofre tenção,  
gritarei por desengano:  
tudo pode uma afeição.

070.  
Cantiga

a este moto seu:  
De que me serve fugir  
da morte, dor e perigo,  
se me eu levo comigo?

VOLTAS

Tenho-me persuadido,  
por razão conveniente,  
que não posso ser contente,  
pois que pude ser nascido.  
Anda sempre tão unido  
o meu tormento comigo  
que eu mesmo sou meu perigo.

E se de mi me livrasse,  
nenhum gosto me seria;  
que, não sendo eu, não teria  
mal que esse bem me tirasse.  
Força é logo que assim passe,  
ou com desgosto comigo,  
ou sem gosto e sem perigo.

047.  
Cantiga

a este moto alheio:  
¿Para que me dan tormento,  
aprovechando tan poco?  
Perdido, mas no tan loco  
que descubra lo que siento.

## VOLTAS

Tiempo perdido es aquel  
que se pasa en darme afán,  
pues quanto más me lo dán  
tanto menos siento del.  
¿Que descubra lo que siento?  
No lo haré, que no es tan poco;  
que no puede ser tan loco  
quién tiene tal pensamiento.

Sepan que me manda Amor,  
que de tan dulce querella,  
a nadie dé parte della,  
porque la sienta mayor.  
Es tan dulce mi tormento  
que aun se me antoja poco;  
y si es mucho, quedo loco  
de gusto de lo que siento.

044.

Glosa

a este moto alheio:  
Sem ventura é por de mais.

Todo o trabalhado bem  
promete gostoso fruto,  
mas os trabalhos que vêm  
para quem dita não tem,  
valem pouco e custam muito.  
Rompe toda a pedra dura,  
faz os homens imortais  
o trabalho, quando atura;  
mas querer achar ventura  
sem ventura, é por de mais.

075.

Cantiga

a esta cantiga velha:  
Apartaram-se os meus olhos  
de mim tão longe...  
Falsos amores,  
falsos, maus, enganadores !

VOLTAS

Trataram-me com cautela  
por me enganar mais asinha;  
dei-lhe posse da alma minha,  
foram-me fugir co ela.  
Não há vê-los, nem há vê-la,  
de mim tão longe...  
Falsos amores,  
falsos, maus, enganadores!

Entreguei-lhe a liberdade,  
e enfim, da vida o melhor:  
foram-se, e do desamor  
fizeram necessidade.  
Quem teve a sua vontade  
de mim tão longe?  
Falsos amores,  
e tão cruéis matadores!

Não se pôs serra nem mar  
entre nós, que fora em vão;  
pôs-se vossa condição,  
que não doce é de passar.  
Só ela vos quis deixar  
de mim tão longe!  
Falsos amores!  
...e oxalá que enganadores!

009.  
Outras voltas ao mesmo moto

Tudo tendes singular,  
com que os corações rendeis,  
senão que rindo fazeis  
covinhas para enterrar;  
e para ressuscitar  
em força a graça que tendes;  
senão que tendes os olhos verdes.

Tudo, Senhora, alcançais,  
quanto ser formosa alcança;  
senão que dais esperança  
cos olhos com que matais.  
Se acaso os levantai,  
[é para as almas renderdes;  
senão que tendes os olhos verdes].

067.  
Cantiga

a este moto seu:  
Pus meus olhos numa funda,  
e fiz um tiro com ela  
às grades de uma janela.

VOLTAS

uma Dama, de malvada,  
tomou seus olhos na mão  
e tirou me uma pedrada  
com eles ao coração.  
Armei minha funda então,  
e pus os meus olhos nela:  
trape! quebro-lh'a janela.

078.

Cantiga

a três Damas que lhe diziam  
que o amavam  
MOTO:  
Não sei se me engana Helena,  
se Maria, se Joana,  
não sei qual delas me engana.

VOLTAS

Uma diz que me quer bem,  
outra jura que mo quer;  
mas, em jura de mulher  
quem crerá, se elas não crêem?  
Não posso não crer a Helena,  
a Maria, nem Joana,  
mas não sei qual mais me engana.

Uma faz-me juramentos  
que só meu amor estima;  
a outra diz que se fina;  
Joana, que bebe os ventos.  
Se cuido que mente Helena,  
também mentirá Joana;  
mas quem mente, não me engana.

058.

Glosa

a este moto alheio:  
Todo es poco lo posible.

Ved que enganos señoarea  
nuestro juicio tan loco,  
que por mucho que se crea,  
todo el bien que se desea,  
alcançado, queda poco.  
Un bien de cualquiera grado,  
si de haberse es imposible,  
queda mucho deseado,  
mas para mucho, alcanzado,  
todo es poco lo posible

104.  
Cantiga

a ùa mulher que se chamava Grada de Morais

MOTO:

Olhos em que estão mil flores  
e com tanta graça olhais,  
que parece que os Amores  
moram onde vós morais.

VOLTAS

Vêm-se rosas e boninas,  
olhos, nesse vosso ver;  
vêm-se mil almas arder  
no fogo dessas meninas.  
E di-lo hão minhas dores,  
meus suspiros, e meus ais;  
e dirão mais, que os Amores  
moram onde vós morais.

037.  
Glosa

a este moto:

Sem vós e com meu cuidado  
Olha; com quem e sem quem.

Vendo amor que, com vos ver,  
mais levemente sofria  
os males que me fazia,  
não me pode isto sofrer;  
conjurou-se com meu fado,  
um novo mal me ordenou;  
ambos me levam forçado  
não sei onde, pois que sou  
sem vós e com meu cuidado.

Não sei qual é mais estranho  
destes dous males que sigo,  
se não vos ver, se comigo  
levar inimigo tamanho.  
O que fica e o que vem,  
um me mata, outro desejo.  
Com tal mal e sem tal bem,  
em tais extremos me vejo:  
olhai com quem e sem quem,

074.  
Cantiga

a este moto alheio:  
De pequena tomei Amor,  
porque o não entendi;  
agora que o conheci,  
mata-me com desfavor.

VOLTAS

Vi-o moço e pequenino,  
e a mesma idade ensina  
que se incline uma menina,  
às mostras de um menino.  
Ouvi-lhe chamar Amor,  
pelo nome me venci;  
nunca tal engano vi,  
nem tamanho desamor.

Cresceu-me de dia em dia  
com a idade a afeição,  
porque amor de criação,  
n'alma e na vida se cria.  
Criou-se em mim este amor,  
e senhoreou-se de mi:  
agora que o conheci,  
mata-me com desfavor.

As flores me torna abrolhos,  
a morte me determina  
quem eu trouxe de menina  
nas meninas dos meus olhos.  
Desta mágoa e desta dor  
tenho sabido enfim,  
por amor me perco a mim,  
por quem de mim perde o amor.

Parece ser caso estranho

o que Amor em mim ordena,  
que em idade tão pequena  
haja tormento tamanho.  
milagres de Amor,  
hei-os de sofrer assim,  
até que haja dó de mi  
quem entender esta dor.

111.  
Cantiga

a este moto que lhe mandou  
o Viso-Rei, na Índia, para  
que Luís de Camões lhe  
fizesse umas voltas

MOTO:

Muito sou meu inimigo,  
pois que não tiro de mi  
cuidados com que nasci,  
que põem a vida em perigo.  
Oxalá que fora assim!

VOLTAS

Viver eu, sendo mortal,  
de cuidados rodeado,  
parece meu natural;  
que a peçonha não faz mal  
a quem foi nela criado.  
Tanto sou meu inimigo,  
que, por não tirar de mi  
cuidados, com que nasci,  
porei a vida em perigo.  
Oxalá que fora assim!

Tanto vim a acrescentar  
cuidados, que nunca amansam  
enquanto a vida durar,  
que canso já de cuidar  
como cuidados não cansam.  
Se estes cuidados que digo  
dessem fim a mi e a si,  
fariam pazes comigo;  
que pôr a vida em perigo,  
o bom fora para mi.

110.  
Trovas

que Heitor da Silveira mandou ao  
mesmo Conde, invernando em Goa

Vossa Senhoria creia  
que não apura o engenho  
fome, se é como a que tenho,  
mas a fraca e corta a veia.  
E quem o contrário sente  
está farto em toda a hora,  
como estou faminto agora.  
Mas Marta, se está contente,  
dá-lhe pouco de quem chora.

E pois Vossa Senhoria,  
em geral, a tudo acode,  
acuda a mim, que só  
dar-me no engenho valia.  
Esperte esta musa minha,  
que o tempo traz sonolenta,  
valha-me nesta tormenta  
com essa doce mezinha  
que só dá vida e a contenta.

Acuda com provisão  
não de papel, mas provida  
de ouro e prata: que esta vida  
não sustentam papéis, não.  
De feitor a tesoureiro  
ser-me ia trabalho grande;  
Vossa Senhoria mande  
algum remédio primeiro  
com que a morte o ferro abrande.

Ajuda de Luís de Camões:

Nos livros doutos se trata,  
que o grande Aquiles insano  
deu a morte a Heitor troiano;  
mas agora a fome mata  
o nosso Heitor lusitano.  
Só ela o pode acabar,  
se essa vossa condição  
liberal e singular  
não mete entre eles bastão  
bastante para o faltar.



{Vós} sois uma dama  
das feias do mundo;  
de toda a má fama  
sois cabo profundo.

A vossa figura  
não é para ver;  
em vosso poder  
não há formosura.

{Vós} fostes dotada  
de toda a maldade;  
perfeita beldade  
de vós é tirada.  
Sois muito acabada  
de tacha e de glosa:  
pois, quanto a formosa,  
em vós não há nada.

De grão merecer  
sois bem apartada;  
andais alongada  
do bem parecer.  
Bem claro mostrais  
em vós fealdade:  
não há i maldade  
que não precedais.

De fresco carão  
vos vejo ausente;  
em vós é presente  
a má condição.  
De ter perfeição  
mui alheia estais;  
mui muito alcançais  
de pouca razão.

102  
Cantiga

a este vilancete pastoril:  
—¿Porqué no miras, Giraldo,  
mi zampoña como suena ?  
—Porque no me mira Elena.

VOLTAS

—Vuelve acá, no estês pasmado,  
¡mira que gentil sonar!  
—¿Como te podrá mirar quién

no puede ser mirado?

—¿Y que bueno enamorado!

¿No dirás, si es mala o buena?

—No, que me hizo mudo Elena.

—Mira tan dulce armonía,  
déjate desos enojos.

—Tengo clavados los ojos  
con que mirar te podía.

—Así Dios te de alegría:

¿no ves cuán dulce y serena?

—No, porque no veo Elena.

**FIM**